

EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

No. 1

GENERAL EISENHOWER, COMANDANTE DAS FORÇAS ALIADAS NO MEDITERRÂNEO





"AS FUTURAS OFENSIVAS"

HÀ meses que foram assentados definitivamente os planos das batalhas que ora estão se travando. Dos comandantes-em-chefe partiram as ordens; de seus respectivos estados-maiores partiram as providências para o necessário transporte de tropas e de abastecimentos, ao mesmo tempo que um vasto conjunto de unidades militares entrava em preparação tática especialmente aplicável ao gênero de combate que ia enfrentar. A ação dos técnicos militares responsáveis pela grande estratégia da guerra ia se baseando nos últimos acontecimentos desenrolados nos vários teatros das operações. Ao público em geral, passava despercebido o carácter das decisões tomadas, as quais, muitas vezes, somente semanas depois eram divulgadas. Como exemplo, basta citar a conferência de Quebec, realizada em Agosto, da qual participaram estadistas e altas autoridades militares, navais e aéreas da Inglaterra e dos Estados Unidos, e acentuar a sua relação com a capitulação da Itália.

A batalha da Sicília ainda estava em andamento quando começou a conferência. Mussolini tinha resignado o posto e o regime fascista tinha sofrido um colápsio; todavia, a Itália, aparentemente, estava persistindo no sua disposição de continuar a guerra, a tódo custo a despeito da sua precária situação.



A assinatura do armistício italiano pelo Maj-Gen. W. B. Smith, dos EE. UU. O Gen. G. Castellano (à direita), assinou pela Itália

Por trás dos bastidores porém, os representantes do governo italiano já tinham pedido um armistício. Antes de se encerrar a conferência de Quebec, os oficiais italianos já tinham concordado na deposição das armas. Em menos de duas semanas após o encerramento da conferência, assinava-se o armistício; cinco dias depois, foi dada a ordem de cessar fogo em toda a frente italiana.

A conferência de Quebec foi uma da série de reuniões em que a estratégia dos aliados tem sido delineada. Num pitoresco local, a cavaleiro do rio

São Lourenço, as autoridades militares, juntamente com o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Churchill tomaram as necessárias decisões relativas às futuras ofensivas das forças de terra, de mar e do ar das duas nações. De Washington e de Londres foram dadas as ordens de execução e os comandantes aliados aprestaram suas tropas para as novas batalhas. Nos meses vindouros, as decisões tomadas em Quebec — com pleno conhecimento da iminente capitulação italiana — far-se-ão sentir nos campos de batalha do mundo.

Imediatamente após a conferência, o Presidente Roosevelt, em discurso proferido em Ottawa, anunciou a natureza das decisões:

"Em devido tempo comunicaremos à Alemanha, à Itália e ao Japão, os segredos da conferência de Quebec. Levaremos essas informações ao conhecimento dos nossos inimigos através da única linguagem que eles compreendem. Eu teria gostado que esse grande mestre da intuição, o líder nazista, tivesse estado presente, em espírito, à conferência de Quebec, conquanto tenha sido um prazer não ter tido a sua companhia, pessoalmente. Se ele e seus generais tivessem sabido quais eram os nossos planos, teriam se certificado de que a discreção ainda é a melhor parte da coragem e que, para eles, seria muito melhor se renderem agora do que mais tarde."

"A vitória absoluta dará ao mundo maiores oportunidades," declarou o Presidente Roosevelt (à esquerda) em discurso perante o Parlamento Canadense, após a Conferência de Quebec. Em baixo: um aperto de mão entre o General Castellano, do Exército italiano, e o General Dwight Eisenhower, encerra a cerimônia da assinatura do armistício





Depois da rendição da esquadra italiana: o Gen. Eisenhower (o segundo à esquerda), assiste, de um destróier inglês, a passagem dos navios, com rumo a Malta



O Almirante D'Zara, da marinha italiana, ao chegar à ilha de Malta, para fazer a entrega dos seus navios aos comandantes aliados



Num campo de concentração nos Estados Unidos: prisioneiros italianos assistem a uma missa cantada que fizeram celebrar em ação de graças pela terminação das hostilidades entre os Estados Unidos e a Itália

(Continuação)

Dias antes de assim se expressar o Presidente, já os termos da capitulação da Itália estavam sendo discutidos por trás dos bastidores, pelos representantes italianos e aliados, e seus resultados estavam sendo devidamente considerados nos planos para as novas campanhas das forças aliadas. Os planos foram delineados por um grupo de seiscentos especialistas militares e civis, dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e do Canadá, que se reuniram, para suas deliberações, no dia 11 de Agosto, no Hotel Chateau Frontenac, situado à margem do rio São Lourenço. Foi rigorosamente vedada a entrada no edifício a qualquer pessoa alheia aos trabalhos da conferência, e os próprios conferencistas não saíam das dependências do hotel a não ser para um ligeiro passeio. Foram tomadas precauções extraordinárias para assegurar o máximo sigilo, sendo que as comunicações telefônicas foram feitas através do serviço do Exército dos Estados Unidos. Até mesmo o conteúdo das cestas de papéis era destruído cuidadosamente todos os dias.

Por meio da comissão mista de chefes do estado-maior, dirigida pelo Presidente Roosevelt e pelo Primeiro Ministro Churchill, os oficiais norte-americanos e ingleses há meses que estavam trabalhando na elaboração dos planos necessários. Todos se conheciam e se confiavam mutuamente. Em muitas campanhas de conjunto — na Sicília, no norte da África, nos mares do Atlântico e na frente aérea ocidental — essa comissão tinha usado os recursos da Grã Bretanha e dos Estados Unidos como se fossem os recursos de uma única nação. Quando se reuniram, sabiam que o general Eisenhower, na área do Mediterrâneo, estava se preparando para dar combate aos alemães em solo italiano; que o comandante-em-chefe e o seu subcomandante, o general Alexander, do exército inglês, dariam ordem para a ação conjunta dos seus exércitos, sem se preocuparem se se tratava de forças inglesas, americanas ou canadenses, mas unicamente de conformidade com as necessidades militares.

Os líderes militares aliados enfrentaram seus trabalhos de planificação, em Quebec, perfeitamente convencidos de que as verdadeiras grandes batalhas ainda estavam por vir. Suas forças já alcançaram notáveis vitórias no mar, na África, na Sicília, nas ilhas de Salomão e nas ilhas Aleutas, mas um acurado exame da situação da guerra, em seus aspectos universais, revela que as vias para Berlim e para Tóquio são longas, árduas e sangrentas.

No Extremo-Oriente, o Japão ocupa a quarta parte do território da China; domina metade da população chinesa e está na posse de seus recursos naturais industrializados. Além disso, o inimigo se apossou de ilhas e de países vizinhos providos de valiosos recursos, dentre os quais se destaca um total de 90 por cento da produção da borracha do mundo. Até agora, ainda não se verificou nenhuma ofensiva em grande escala contra o Japão, mas as forças do general MacArthur, em operações no sudoeste do Pacífico, e as forças britânicas e canadenses, estão reforçando suas bases nas ilhas Aleutas, de onde poderão ser lançados, oportunamente, formidáveis ataques. O general MacArthur resumiu nestas palavras a presente situação: "O Japão, que, nas frentes do Pacífico, já esgotou seus recursos para os ataques concentrados de que era capaz, falhou no seu propósito e está agora francamente na defensiva."

Os participantes da conferência de Quebec sabiam que, nas campanhas na África e na Sicília, as forças britânicas, americanas, francesas e canadenses tinham assumido a iniciativa estratégica. Mas, até agora, essas forças só enfrentaram e derrotaram menos de sete por cento das divisões de combate de que o inimigo dispõe na área européia. Em várias semanas de intensa luta, os russos têm feito recuar os alemães continuamente, infligindo-lhes tremendas perdas; recapturaram Orel, Kharkov e Tanganrog e aniquilaram 300.000 homens dos exércitos nazistas, no curso de onze semanas. Mas o inimigo, na frente russa, ainda não se valeu de mais



Tanques alemães postos fóra de combate, com tiros certos, pelos canhões das forças do Quinto Exército dos Estados Unidos durante os seus primeiros assaltos contra a costa italiana, na montanhosa região de Salerno



O desembarque de abastecimentos na praia de Salerno feita pelos aliados, a despeito do intenso bombardeio dos aviões alemães. A luta aqui foi a mais sangrenta da campanha na avançada dos americanos. Os nazistas contra-atacaram repetidamente, procurando manter abertas as vias de comunicações com as suas divisões no sul. Em baixo: volta à normalidade a vida civil na Sicília, conforme se vê nesta cena de casamento, em Lentini





O Tte.-Gen. Mark W. Clark, comandante do V Exército dos E.E.U.U. e o Vice-Almirante H. K. Hewitt, comandante da esquadra norte-americana do Mediterrâneo, estudando, a bordo, os mapas da campanha



Um atirador alemão de tócia é surpreendido por uma patrulha avançada americana durante a ofensiva na região de Salerno

Um soldado americano, ferido durante as operações de desembarque na praia de Salerno, é carregado para o hospital de sangue, situado por trás da linha de fogo



(Continuação)

de 40 por cento dos seus efetivos combatentes. De um modo geral, os alemães e seus satélites estão pondo em combate menos de metade do total das suas divisões, ao passo que os aliados estão se valendo de quase três quartas partes das suas tropas combatentes no teatro europeu da guerra. Em face destas evidentes realidades, os chefes militares aliados tiveram que considerar que, mesmo com a capitulação do exército italiano, o inimigo continua a dispôr de maior número de divisões de combate na Europa do que os aliados, e terá tantas divisões quantas terão estes, mesmo depois de terem os Estados Unidos completado o total da sua mobilização, que é de 90 divisões.

O fato de estar a Itália fóra da guerra não impede, pois, que a Alemanha continue tão forte quanto antes para uma guerra defensiva. Mesmo em face das perdas sofridas pela Alemanha, não se pode negar o fato de que os alemães estão com muitas vantagens a seu favor, representadas pelas posições estratégicas que eles alcançaram e pelos territórios que conquistaram. O bombardeio aéreo feito pelas forças americanas e inglesas contra a máquina de guerra alemã tem, de fato, causado incontáveis danos aos nazistas, mas até a ocasião da conferência de Quebec, os aliados também tinham sofrido consideráveis perdas através das depredações dos submarinos alemães.

Quando à situação no Pacífico, os estrategistas podiam antecipar uma mudança a favor dos aliados, do equilíbrio do poder naval e dos transportes marítimos. Durante vinte meses de guerra, a Marinha dos Estados Unidos perdeu 104 unidades, inclusive um couraçado, quatro navios porta-aviões, seis cruzadores pesados, três cruzadores ligeiros, trinta destróiers e dez submarinos. Mas dos seus estaleiros está sendo lançado ao mar um navio por dia, as linhas de comunicações no Atlântico estão cada vez mais garantidas e a esquadra está enfrentando os japoneses em campo de ação muito maior, no Pacífico. Conquanto os técnicos navais não soubessem definitivamente, ao tempo da conferência de Quebec, da subsequente capitulação de unidades da esquadra italiana, com couraçados, submarinos e destróiers, as forças de mar dos aliados, no Mediterrâneo, aumentaram com essa capitulação.

Depois de uma semana de discussões técnicas, os conferencistas submetaram suas propostas ao Presidente Roosevelt e ao Primeiro Ministro Churchill, que estavam hospedados na histórica Cidadela, a fortaleza cuja existência data do século dezessete, e serve de residência de verão ao conde de Athlone, governador geral do Canadá. Uma pequena sala de recepção na velha fortaleza foi transformada em sala de mapas, onde, durante cinco dias, o Presidente e o Primeiro Ministro estudaram todos os aspectos dos planos. Em várias fases da conferência ambos tiveram ocasião de trocar idéias e colher informações detalhadas do Ministro do Exterior da Grã Bretanha, Anthony Eden; do Secretário de Estado dos Estados Unidos, Cordell Hull, do Dr. T. V. Soong, Ministro do Exterior da China, de Sir William Glasgow, Alto Comissário Australiano no Canadá e do Ministro de Informações da Grã Bretanha, Brendan Bracken além dos líderes militares, navais e aéreos.

Ao terminar a conferência, no dia 24 de Agosto, o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro anunciaram que "as necessárias decisões tinham sido tomadas com relação às futuras ofensivas," declarando ainda:

"As discussões de carácter militar dos chefes de estado-maior concentraram-se também, consideravelmente, na guerra contra o Japão e na assistência devida à China. O Sr. T. V. Soong, representando do Generalissimo Chiang Kai-shek, tomou parte nas discussões. Neste terreno, assim como no referente à Europa, o Presidente e o Primeiro Ministro receberam e aprovaram as unânimes recomendações apresentadas pelo conjunto dos chefes de estado-maior. Chegou-se, outrossim, a um acôrdo quanto aos problemas políticos decorrentes ou que possam decorrer das operações militares ora em andamento.

Como uma consequência natural das deliberações tomadas, os dois governos reanimaram a França e os patriotas franceses que constituem as forças em luta contra o Eixo. Acolheram com satisfação o estabelecimento da Comissão Francesa de Libertação Nacional, para administrar as possessões francesas, reconhecendo assim a sua autoridade.



Durante a conferência dos aliados realizada em Quebec, em Agosto último: o Primeiro Ministro Mackenzie King, do Canadá, o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Winston Churchill, da Grã Bretanha



A chegada do Secretário de Estado Cordell Hull, dos Estados Unidos, para participar da Conferência de Quebec, juntamente com as altas autoridades da Grã Bretanha e dos Estados Unidos (à direita). Em baixo: os chefes de estado-maior do exército e da armada da Grã Bretanha e dos Estados Unidos reunem-se para uma das conferências preliminares realizadas em Quebec. A delegação dos E.E.U.U. está à direita



PANAMÁ

ARTÉRIA VITAL DE COMUNICAÇÕES ENTRE DOIS OCEANOS E DOIS MUNDOS

DE há muito que o Panamá tem sido chamado de "encruzilhada do mundo." Nos tempos coloniais, muitas riquezas que seguiram a caminho do Velho Mundo eram transportadas através do istmo do Panamá, e muitos comerciantes, de todas as partes do mundo, ali estabeleciam grandes casas comerciais. A construção da estrada de ferro do Panamá e do famoso canal que atravessa o istmo vieram aumentar a importância do país. Antes da guerra, navios de todas as nacionalidades visitavam o canal. Com o desenvolvimento da cooperação interamericana, maior está sendo o trânsito de mercadorias americanas através da importante ligação interoceânica. Com o rompimento das hostilidades, a defesa do Panamá e das vias de transporte tornou-se vital para as Nações Unidas.

O grande navegador Cristóvão Colombo quando descobriu a América, esteve no istmo. E sabe-se que, na sua quarta viagem ao Novo Mundo, em 1502, foi, várias vezes, à foz do rio Chagres, em busca de um estreito que desse passagem aos seus navios para a Índia. O Chagres, dentro de poucos anos, tornou-se a via de ligação para o transporte dos tesouros dos Incas através do istmo. Quando Co-



O Presidente Ricardo A. de la Guardia, do Panamá, reeleito em Janeiro para um segundo biênio

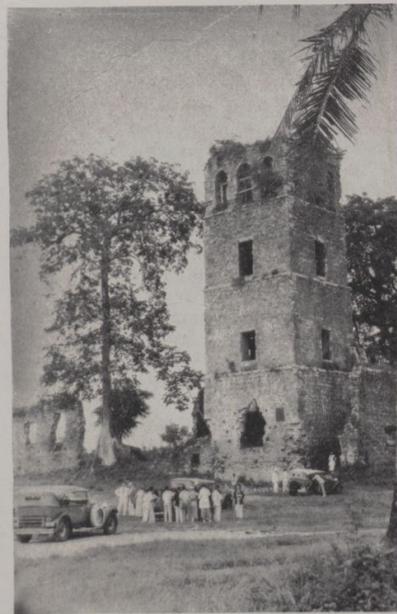
lombo fundeu na foz do rio, foi a pouca distância da entrada do Panamá. Este, que mede 68.5 quilômetros de largura, atravessa o istmo. De acordo com a convenção de 1903, o Panamá concedeu aos Estados Unidos o uso perpétuo, ocupação e domínio de uma zona destinada à construção, conservação, administração, saneamento e proteção do canal, zona compreendida por uma faixa de terra de 8.5 quilômetros de cada lado do canal. As cidades perto de ambas as entradas do canal — a de Colón, no Atlântico, e a de Panamá, no Pacífico, estão sob a jurisdição do Panamá, sendo ambas grandes centros de atração de turistas. Dada a sua posição geográfica, o desenvolvimento da república panamenha tem se caracterizado principalmente no terreno comercial. Suas lojas e bazares são famosos e conhecidos de todos os viajantes. Em 1940, a importação do país excedeu de oito vezes o valor da exportação, mas a balança comercial ficou equilibrada pelo movimento de vendas aos turistas e pelos pagamentos recebidos por vários serviços prestados na zona do canal. A exportação consiste principalmente de produtos agrícolas — bananas e cacau. Em consequência da guerra, a



A Cidade do Panamá, situada na baía do Panamá perto da entrada do canal, no lado do oceano Pacífico, é um movimentado centro de comércio internacional. E notável por seus bem apresentados estabelecimentos comerciais

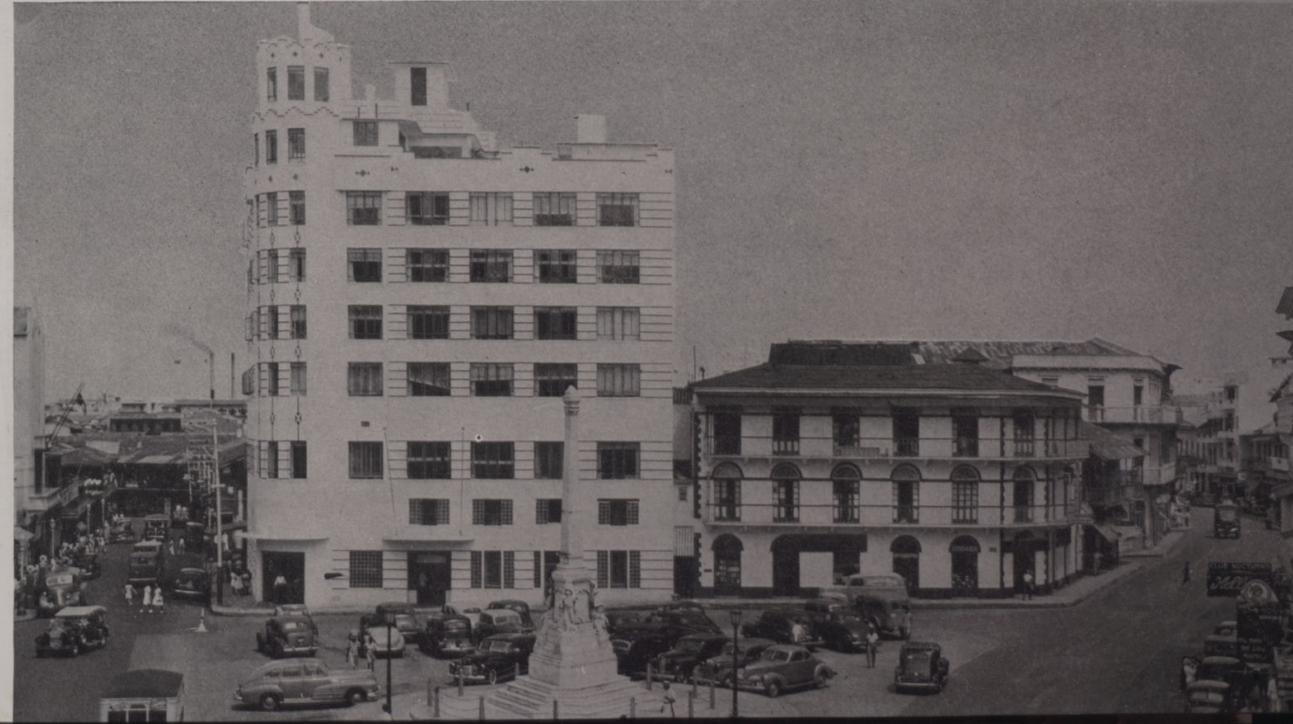


A estátua de Cristóvão Colombo, a cavaleiro do Prado Cristobal, na cidade de Colón, é uma reminiscência de que o grande navegador, ao procurar o caminho das Índias, fundeu, em 1502, a pouca distância do local do canal



Estas paredes enegrecidas permanecem entre as ruínas de Panamá La Vieja, outrora notável e rica

O Hotel Internacional, na Cidade do Panamá, destaca-se como um dos mais modernos dentre os numerosos edifícios que realçam a ativa capital desta república





Um carregamento de café destinado aos Estados Unidos ao ser embarcado no porto de Cristóbal. Esse é um dos principais produtos da lavoura da república. O governo está fomentando a cultura de outros produtos



Toras de mogno destinadas aos trabalhos de construção naval dos aliados. Esta valiosa e resistente madeira é trazida do interior, para ser embarcada no porto de Cristóbal. Em baixo: o sistema rodoviário do Panamá tem se desenvolvido bastante nestes últimos anos. Um dos exemplos desse desenvolvimento é a magnífica rodovia trans-istmíca que é de grande valor estratégico, e o trecho panamênho da rodovia Panamericana



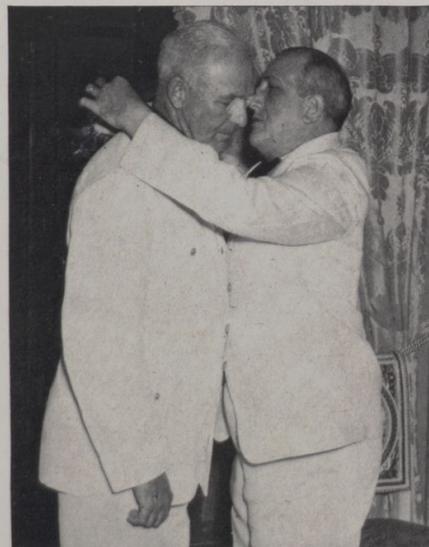
(Continuação)

exportação de bananas sofreu consideravelmente. Para evitar maiores dificuldades econômicas, a produção do arroz e do milho foi desenvolvida, com a transformação de numerosos bananais para a cultura daqueles cereais. A produção de legumes e de vegetais foi também tratada em maior escala. Além da produção do arroz, que dá para o consumo interno, o Panamá conta também com as culturas da fibra de abacá, valioso cânhamo para a fabricação de cordoalha, e da borracha. Esta é nativa da região de Darien, onde Vasco Nunez de Balboa, depois de penetrar a selva e escalar um dos picos de montanha, viu o oceano Pacífico pela primeira vez.

O Panamá tem mantido em contínuo progresso a execução do seu programa de instrução pública. A matrícula escolar já atingiu 60.000 alunos, sendo que a frequência é obrigatória para todas as crianças, de 7 a 15 anos. O ensino superior, através de ação do Instituto Nacional, também está bastante desenvolvido, tendo sido fundada, em 1935, a Universidade Nacional. Por decreto recente, o governo panamênho criou uma Universidade Interamericana, que será estabelecida em solo do Panamá.

Graças aos esforços feitos para expandir a educação pública, o analfabetismo no Panamá está reduzido a 10 por cento da sua população, que, em 1941, era de 635.836, incluindo a zona do canal. Depois da Suíça, o Panamá é o país que conta com maior porcentagem de pessoas que falam dois idiomas — o espanhol e o inglês. Isso se explica pelo fato de que, na zona do canal, o inglês é o idioma geralmente adotado, conquanto o espanhol seja a língua oficial e nacional do Panamá.

A educação democrática do povo panamênho acha-se firmemente assentada nas suas instituições políticas. De acordo com os preceitos constitucionais, a Assembléia Nacional é composta de 32 membros, um para cada 20.000 habitantes, sendo eleitos para um período de seis anos. O presidente da República é eleito por sufrágio universal para um período também de seis anos, não podendo ser reeleito. A constituição é precisa em assegurar a liberdade da imprensa, a liberdade da palavra e a liberdade dos cultos. No campo da saúde pública e da medicina, o Panamá está entre as nações mais adiantadas. Dispõe de modernos hospitais e conta com numerosos cirurgiões e médicos especialistas dentre os mais notáveis do mundo. Graças a uma estrita supervisão sanitária, foram banidas do istmo as endemias da febre amarela, da malária e da varíola. A região destaca-se agora como um exemplo de profilaxia dessas moléstias. E o valioso canal, só por si, é considerado como uma das maravilhas do mundo.



O Presidente condecora com a Ordem de Vasco Nunez de Balboa, o Tte.-Gen. G. H. Brett, comandante da defesa do canal



A FORTALEZA DAS ANTILHAS

GRANDES mudanças têm se verificado na zona do canal do Panamá, desde que os Estados Unidos entraram na guerra. A zona do Canal foi transformada em valioso campo de adiestramento. Ao mesmo tempo, a complexa defesa da zona foi

aumentada extraordinariamente, para uma perfeita garantia deste ponto da ligação de dois oceanos. Na gravura vemos (em cima) uma fase da defesa: cortina de fumaça para proteger contra ataques aéreos, e, em baixo, manobras de barcos patrulha.

O RAIDE CONTRA PLOESTI

O RAIDE contra Ploesti foi precedido de intensa preparação numa das bases aéreas africanas. Aviadores americanos, num total de quasi 2.000 homens, tripulando 177 aviões "Liberators", de bombardeio, passaram várias semanas se adestrando na precisão com que o assalto deveria ser feito. Em pleno deserto foram erigidos alvos semelhantes às refinarias de petróleo situadas na área de Ploesti e os aviadores foram incansáveis em seus exercícios, até ficarem com um conhecimento acurado da localização dos seus objetivos.

Esta preparação foi muito mais rigorosa do que do costume, e havia razões bastantes para justificar esse interesse: os poços petrolíferos de Ploesti, na Rumânia, são a fonte de quasi todo o petróleo natural de que se supre a Alemanha e fornecem 90 por cento da gasolina de alta qualidade usada pela aviação nazista. Além disso, a missão implicava um percurso de 4.000 quilômetros de vôo, de ida e volta, sobre as montanhas dos Balcans e sobre poderosas linhas de defesa, tudo isso sem escolta de aviões de combate. Apesar de poderem os aviões "Liberators" bombardear de grande altitude, o assalto contra Ploesti devia ser feito a vôo baixo e os aviadores tinham que aprender novas técnicas indicadas especialmente para o caso.

Os aviadores foram informados de que se a missão fosse bem sucedida, o tempo de duração da guerra talvez ficasse reduzido de seis meses. E que qualquer interrupção, mesmo temporária, do abastecimento de petróleo rumêno aos nazistas, que dele se apoderaram logo depois da guerra, iria dificultar seriamente a ação da aviação alemã na Rússia, na costa do Atlântico e na Itália. Os alemães teriam que se valer unicamente do combustível sintético. Os bombardeiros, em três grupos, decolaram da África na madrugada do dia 1 de Agosto. Cada avião levava uma tripulação composta de dez homens. Voaram a grande altitude sobre o Mediter-



Coronel John R. Kane



Coronel L. W. Johnson

râneo e sobre a península balcânica até o rio Danúbio. Já então em plena luz do dia, passaram a voar muito baixo durante os restantes cinquenta quilômetros do percurso.

Os aviadores acenavam para os rumênos, homens e mulheres, que estavam nos campos. Alguns camponeses julgaram que iam ser atacados e correram, procurando abrigo; outros correspondiam aos acenos. Ao se aproximarem das refinarias, os aviões sofreram o ataque da artilharia anti-aérea nazista, que se ocultava de todas as maneiras, camuflada.

Balões protetores, que se elevavam sobre a região, obrigaram os pilotos a mudar de curso, frequentemente. Um dos bombardeiros tocou o cabo de um dos balões cativos, mas o avião continuou o percurso, sem maiores consequências. Os aviões alemães de combate estavam a postos para contra-atacar, mas os bombardeiros voavam tão baixo que os aparelhos nazistas não podiam acompanhá-los para um tiro certo, sem o risco de sofrerem um desastre completo. Dos bombardeiros, os artilheiros mantinham à distância os aviões inimigos mais audaciosos. Os aviadores americanos não alvejaram os poços, propriamente. As refinarias e os oleodutos eram objetivos mais convenientes. Há na Rumânia qua-

renta refinarias, mas em sua maior parte são antiquadas e sem valor estratégico. Os atacantes concentraram o bombardeio nas restantes— as situadas em Ploesti, propriamente, a 50 quilômetros de Bucareste, as de Campina, a 35 quilômetros ao nordeste de Ploesti e as de Brazi, a 10 quilômetros ao sul de Ploesti. Alguns dos aviões fizeram o ataque a uma altitude de menos de 10 metros. O avião que transportava o general de brigada U. C. Ent, chefe da Nona Divisão de Bombardeiros americanos, que realizou o raide, voava tão baixo que uma de suas asas decepou os galhos de uma árvore. Ao passarem por sobre as refinarias, balas incendiárias iam alvejando os depósitos de combustível,

ao mesmo tempo que, do bojo dos aviões, eram lançadas possantes bombas de ação retardada, para dar aos atacantes tempo bastante para se afastarem.

Alguns dos aviadores erraram o alvo, nos primeiros ataques feitos a alta velocidade. Mas numa segunda tentativa, o efeito destruidor dos explosivos marcava o sucesso do assalto. Chamas enormes elevavam-se a cem metros de altura, acompanhadas de destroços de toda sorte. Vários aviões puderam atravessar as chamas. Um projetou-se dentro de um dos depósitos de gasolina que ardia furiosamente. Outro, avariado, mal pdeu ganhar altitude para que pudessem seus tripulantes lançar-se no espaço, com seus pára-quadras.

A maior refinaria de Ploesti, a Astra Romana, que produz a terça parte da gasolina da Rumânia, foi atingida por várias bombas. A usina elétrica ficou desmantelada, assim como as bombas principais do oleoduto. As grandes refinarias, a Steaua Romana e a Phoenix Crion foram destruídas. O mesmo aconteceu a numerosas outras, menores.

A importância do raide contra Ploesti foi acentuada quando, dois meses depois, os seus dirigentes, Coroneis J. R. Kane e L. W. Johnson, foram condecorados com a Medalha de Honra do Congresso.



Atacando em vôo rasteiro para evitar o contra-ataque dos aviões de combate nazistas, os bombardeiros quadrimotores americanos "Liberators" danificaram consideravelmente as refinarias de petróleo de Ploesti, na Rumânia. Vê-se à esquerda, a fumaça causada pelas explosões na refinaria Astra Romana. Em baixo: um "Liberator" lança uma carga



GENERAL EISENHOWER

O GENERAL DWIGHT D. EISENHOWER é o comandante-em-chefe das forças aliadas no teatro norte-africano da guerra. É o vigoroso líder militar, cujos exércitos expulsaram as tropas do Eixo, da África e da Sicília, causaram a queda de Mussolini e estão agora ameaçando Hitler a enfrentar o mesmo destino.

O general Eisenhower é, sobretudo, um homem de ação. Em sua fisionomia se estampam todas as características de uma firme determinação. Fisicamente robusto, mentalmente alerta, o comandante-em-chefe dos exércitos aliados impõe-se pela maestria dos seus conhecimentos técnicos-militares e pela absoluta confiança que ele inspira a todos quantos participam da sua convivência. A par dessas notáveis qualidades, o general é um homem extremamente modesto e infenso a formalidades desnecessárias. Nasceu no Estado do Texas, em Outubro de 1890. Seu pai, falecido há um ano, era engenheiro construtor. Sua progenitora, apesar de seus oitenta e dois anos de idade, mostra-se vigorosa e ativa. Reside na pequena vila de Abilene, no Estado de Kansas, onde o seu famoso filho foi criado. Dwight Eisenhower, cujos amigos íntimos o chamem, invariavelmente, *Ike*, é um dos seis filhos do casal.

Sua família residia numa confortável casa, típica das residências no interior do país. Cercada de um belo jardim, havia ainda, no terreno, espaço bastante para uma ampla horta e para a criação de galinhas e de vacas leiteiras. Conquanto fosse uma família de recursos, os filhos participavam de vários trabalhos caseiros e dos cuidados exigidos pelas plantações e pela criação.

"Ike sempre foi um bom amigo, amável, decidido e prestativo," lembra um de seus companheiros de infância. Quando ele tinha treze anos, a vila sofreu uma desastrosa inundação. Dwight e seu irmão Edgar, que agora é notável advogado no Estado de Washington, prestaram relevantes serviços, com um pequeno barco, ajudando no serviço de salvamento de numerosas vítimas e de seus haveres.

A mãe do general, senhora de firmes opiniões, caracteriza-se por ser a única pessoa que nunca se interessou em chamar o filho pelo nome abreviado que lhe deram os seus amigos. Ela sempre o chama de *Dwight*.

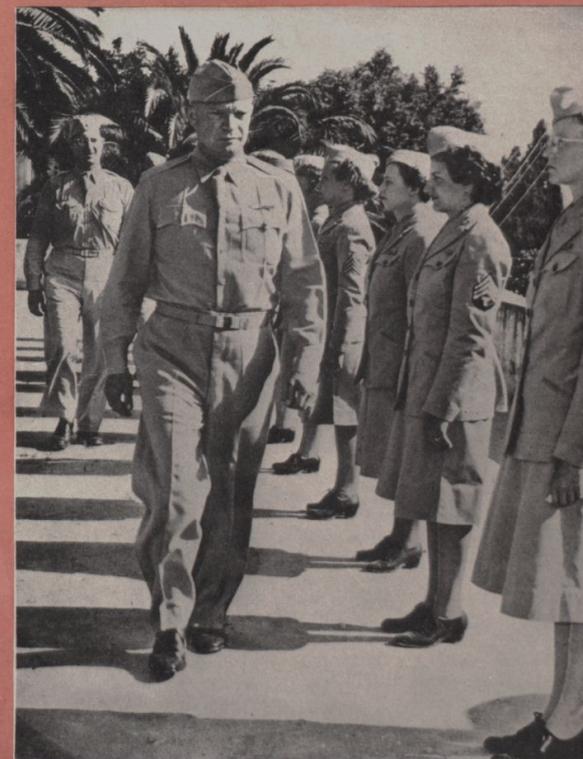
Os antepassados da família Eisenhower vieram para os Estados Unidos procedentes da Suíça, no comêço do século XVIII. Vários membros da família tomaram parte na guerra da Independência americana. Não foi, pois, surpresa para os seus, a entrada do jovem Eisenhower para a Academia Militar de West Point, onde fez um curso dos mais distintos e alcançou lugar de destaque nos esportes e no atletismo. Foi promovido a segundo-tenente em 1915, indo servir na divisão de infantaria aquartelada em San Antonio, Texas, onde, pouco depois, contraiu matrimônio com a filha de um banqueiro.

"Estamos casados há 26 anos," comenta a Sra. Eisenhower, em Washington, onde reside atualmente; "mas meu marido ainda me fascina pela sua palestra, sempre viva e variada, tal como me fascinou quando ficamos noivos." O general costuma escrever à sua esposa quando tem tempo, sobretudo agora em que os afazeres da campanha contra a "fortaleza da Europa" absorvem todas as suas atenções. A Sra. Eisenhower, porém, recebe constantes notícias do esposo, através de colegas e amigos do famoso comandante-em-chefe. O casal tem um filho, John, de 20 anos, cadete da Academia Militar de West Point, onde está fazendo o curso de aeronáutica recentemente incluído no programa acadêmico.

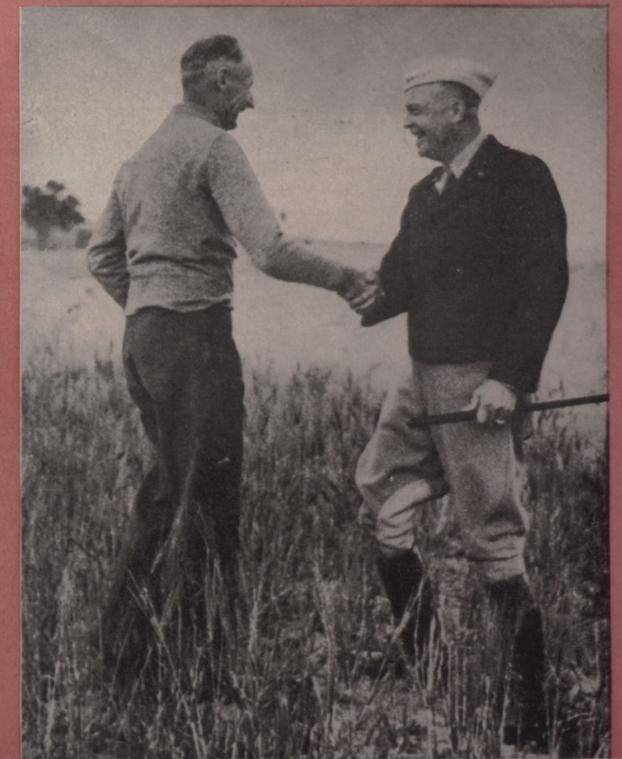
De longa data tem o general Eisenhower se imposto nos círculos militares pela brilhante maneira como se conduz nas comissões que lhe são confiadas. Durante a primeira guerra européia foi diretor do centro de instrução



O general Eisenhower, na frente de batalha, explicando aos correspondentes de guerra os últimos acontecimentos militares, durante o período agudo da luta



Um contingente do Corpo Auxiliar Feminino do Exército sendo passado em revista pelo Gen. Eisenhower. Têm sido valiosos os seus serviços prestados em postos arriscados



Os exércitos aliados combateram sob as ordens do general Eisenhower. Aqui, no campo de batalha, ele cumprimenta o general Montgomery, comandante britânico

(Continuação)

de tática e manejo de tanques, tendo sob seu comando seis mil homens. Ao terminar a guerra, o governo conferiu-lhe a Medalha de Relevantes Serviços, "pelo extraordinário zelo, pela sua maneira judiciosa e pela sua louvável capacidade administrativa demonstrada durante a organização, adestramento e preparação das tropas técnicas do corpo de tanques destinadas às operações de guerra na Europa." Durante os quatro anos que se seguiram, Eisenhower destacou-se mais ainda como um abalizado especialista em tanques. Em 1922, quando essa arma de guerra ainda continuava sendo considerada por muitos como um simples elemento auxiliar da infantaria, Eisenhower escreveu no *Infantry Journal*: "O tanque está todavia na sua infância, mas os notáveis melhoramentos mecânicos por que tem passado indicam que maiores e melhores tanques são de se esperar. O progresso lento notado nos primitivos tanques deve ser esquecido completamente. Cabe-nos entrever o tanque do futuro, um instrumento de destruição veloz, garantido e eficiente." Os grandes progressos da guerra moderna tiveram na avançada mentalidade do ilustre militar um campo de proveitoso estudo. E foi assim

que, pouco depois, ele se aprofundava nos conhecimentos técnicos-aeronáuticos, tornando-se também uma autoridade no importante desempenho do poder aéreo. Em 1932, quando exercia o cargo de chefe do estado-maior do general Douglas MacArthur, em Washington, foi um dos elementos de maior valia na organização dos planos referentes à centralização do comando do poder militar. Em 1938, aos 47 anos, obteve o *brevet* de piloto aviador. A sua vasta e variada cultura coloca-o entre os modernos intelectuais, valioso pela sua exata percepção dos múltiplos problemas que se entrelaçam na complexidade da guerra moderna. Nos postos de destaque e de responsabilidade que tem exercido na Europa, nas Filipinas, no Panamá e em sua própria pátria, Eisenhower tem granjeado uma justa reputação como militar proficiente, conciente e de grande tato.

Foi promovido a general de brigada em 1941 e, cinco dias depois do ataque contra Pearl Harbor, foi chamado a Washington, para assumir a chefia



O general Eisenhower e o general britânico Sir Harold Alexander, seu sub-comandante, estudando os planos de um assalto na frente africana

da divisão a cargo da estratégia, função que exerceu durante seis meses, organizando os planos que as operações da guerra total impunham às forças armadas dos Estados Unidos. Em seguida, foi nomeado para comandar as forças norte-americanas no teatro europeu da guerra, tendo seu quartel-general em Londres. "Pessimismo e derrotismo são coisas que não tolero," declarou o general na primeira conferência que teve com seu estado-maior. "Qualquer soldado ou oficial que não se sentir à altura dos obstáculos e das amargas perspectivas que nos aguardam, só terá um recurso — pedir imediatamente a sua transferência. No caso de demonstrar tal atitude e não pedir transferência, será desligado da mesma maneira."

Hoje as democracias já venceram muitos dos obstáculos, e as perspectivas são amargas para Hitler apenas. Eisenhower transferiu a sede do seu quartel-general para a Argélia e passou a ser o comandante-em-chefe das forças aliadas naquele importante teatro da guerra, onde o vigor da ofensiva contra o inimigo está tomando proporções como

Hitler nunca jamais pode imaginar. Investido das mais altas funções militares, num momento decisivo para a causa dos aliados, o general Eisenhower permanece, entretanto, o mesmo homem simples. "Ike não procura fazer distinções extremas quanto se trata de objetivos," declara um dos seus irmãos. "A Alemanha quiz dominar o mundo pela força bruta e a Alemanha é o inimigo. Na sua opinião, o inimigo deve ser esmagado e ficar incapacitado de poder, jamais, tentar a guerra."

Os acontecimentos no teatro europeu da guerra assumem agora o vulto que o general Eisenhower, na sua esclarecida opinião, sempre anteviu. A capitulação da Itália, incondicionalmente, foi o resultado da tremenda pressão exercida pelas forças aliadas, sob o comando de Eisenhower. O vigor do ataque por ele planejado, que levou o inimigo de vencida pelas regiões tortuosas da Sicília, deixou patente o carácter das ofensivas que iriam comprimir na península italiana as forças do Eixo. Estas, cada vez mais, procuravam se abrigar dentro das fortificações da sua "fortaleza da Europa," na vã esperança de salvar uma situação militar, cujo descalabro ficára amplamente gravado nas derrotas que alemães e italianos sofreram na campanha na África. Coube a Eisenhower precipitar os acontecimentos que conduziram à completa defecção da Itália da órbita da influência do Eixo. Coube também a ele participar ao mundo, pelo rádio, a capitulação italiana, a rendição incondicional consoante a única maneira imposta pelos aliados.

Concio das suas grandes responsabilidades, o comandante-em-chefe das forças da libertação, que ora rompem fogo contra os redutos de Hitler na Europa, está realizando a grande estratégia destinada a "esmagar o inimigo e deixá-lo incapacitado de poder, jamais, tentar a guerra."

Os frutos do persistente estudo e análise da guerra moderna, em todos os seus complexos detalhes, matéria em que tanto tem se distinguido o general Eisenhower, estão se revelando nas campanhas por ele dirigidas. Sua é a ação de um líder que se coloca "à altura dos obstáculos e das amargas perspectivas" para transformá-las em vitória, destruindo assim o mito da superioridade nazista.



Tal como todos os soldados, o general Eisenhower gosta de receber cartas de casa. Aqui vemos sua esposa (à direita) escrevendo-lhe uma carta



O cadete John Eisenhower, filho do general, ora cursando a Academia de West Point. E' o segundo à esquerda. Os outros são filhos dos generais Clark, Patton e Doolittle, de grande renome



O público dos EE. UU. passa a tomar novamente café à vontade, depois de longos meses de racionamento da preciosa rubiácea, por causa da escassez do produto

O POVO dos Estados Unidos, acostumado a tomar café durante as refeições e entre as refeições, sempre sentiu que o racionamento do café era, de fato, um dos maiores inconvenientes causados pela guerra.

Mas, com os submarinos alemães infestando as águas litorâneas do Atlântico, afundando, às vezes, dois ou três navios por dia, o racionamento da preciosa bebida não podia ser completamente evitado. Os estoques do café nos Estados Unidos declinaram de 3.334.000 sacas de 60 quilos, em 1 de Junho de 1942, para 1.364.000 sacas, em 21 de Novembro de 1942.

O racionamento que veio limitar, para cada pessoa, o consumo de café a uma xícara por dia, começou em Novembro do ano passado. Até mesmo o consumo militar do café foi reduzido para um total de quarenta xícaras por mês, para cada soldado, enquanto estivesse determinado que, nas zonas de batalha, os soldados podiam consumir

CAFÉ

A BEBIDA NACIONAL

mais do que essa quantidade de café. O mesmo acontecia quanto a todos os operários entregues a trabalhos arriscados. Foi uma exceção bem acolhida.

Durante os oito meses que se seguiram, os sucessos das armas dos aliados na Batalha do Atlântico foram, aos poucos, clareando os horizontes. As Nações Unidas, que perdiam mais navios do que construíam, passaram a ter um total de construção que excedia de cinquenta navios o número dos que eram afundados por mês. E à medida que os transportes marítimos foram tendo maior segurança nas águas americanas, os estoques de café começaram a

aumentar gradativamente. Em 28 de Julho deste ano, finalmente, o Presidente Roosevelt anunciou a terminação do racionamento do café. Os estoques, nos Estados Unidos, tinham atingido o total de 3.361.000 sacas, que era ligeiramente acima da cifra divulgada com relação ao mês de Junho de 1942 e 1.000.000 de sacas apenas menos do que as reservas normais do tempo de paz.

Durante muitos anos, o valor do café importado pelos Estados Unidos excedeu o de qualquer outra pauta de importação, sendo que, em alguns anos, só era excedido pela importação do açúcar. Na mesma ocasião em que terminava o racionamento do café, o governo providenciou para diminuir as restrições no consumo do açúcar, por isso que a importação do produto também estava aumentando consideravelmente. O fim do racionamento do café veio satisfazer duplamente o povo americano, porque foi um sinal de abundância do produto e, ao mesmo tempo, um indicio da proximidade da vitória.

UM POVO LIBERTADO

As forças aliadas, no norte da África, libertaram o povo de uma nação conquistada, um povo que muito já tinha sofrido sob o ferrete dos conquistadores nazi-fascistas. Roubado de seus haveres e alimentos, explorado em tudo que poderia ser de utilidade imediata aos nefastos dominadores de sua pátria, foi esse o povo que, faminto, desiludido e humilhado, recebeu com as maiores provas de entusiasmo e alegria as tropas aliadas que expulsaram os alemães e os italianos de sua pátria. Francêses, árabes e israelitas — povos de muitas raças — receberam de braços abertos as verdadeiras “fôrças da libertação”.

Na Sicília, os aliados estavam em território inimigo, entre um povo que, pelas leis da guerra, era inimigo. Todavia, a recepção foi a mesma. Não houve nenhum aspecto de hostilidade entre a massa popular. Repetiram-se as mesmas cenas de júbilo que tinham caracterizado a entrada das tropas aliadas na Algéria e na Tunísia. O povo abria alas, nas ruas das vilas e das cidades, numa inconfundível demonstração de “bôas-vindas” às tropas dos



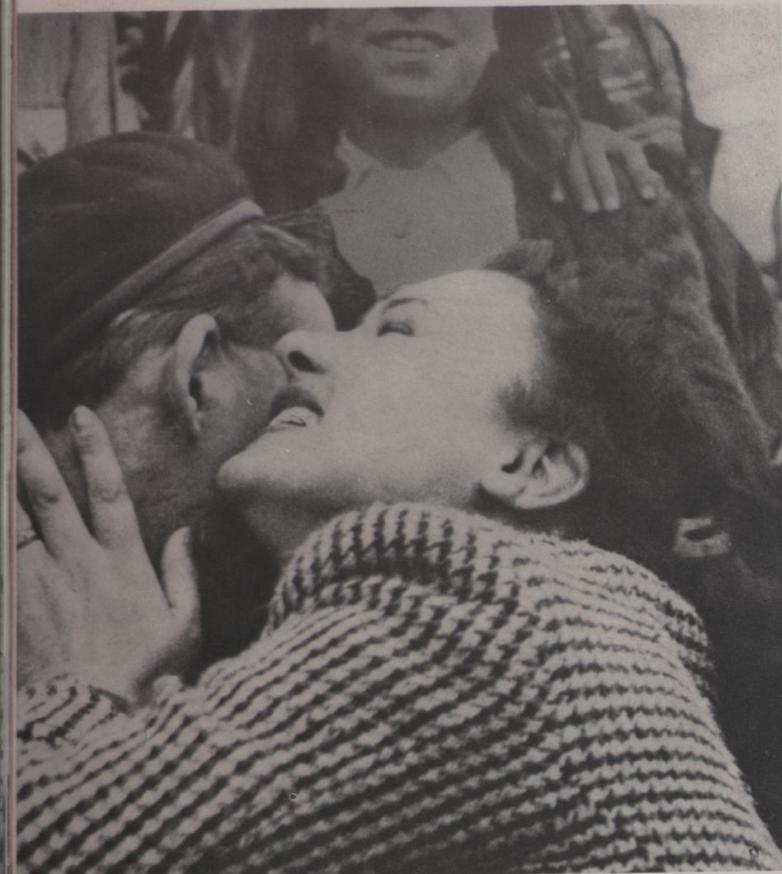
Libertação significa alimentos para as crianças da Sicília. Vemos na gravura um sargento norte-americano repartindo a sua ração com um grupo delas. As crianças nem notam o fotógrafo



Soldados aliados contêm a massa popular entusiasmada, para dar passagem às tropas nas ruas da Algéria. O povo mostra a sua satisfação com o "V" simbólico



Moradores de Palazzola, na Sicília, completamente desprovidos de recursos, recebem farinha de trigo de soldados ingleses. Os aliados libertam e alimentam



Um soldado inglês recebendo as entusiásticas boas-vindas de uma joven, na Tunísia, depois da ocupação da cidade pelos aliados. Cada vitória libertou milhares de pessoas da escravidão nazista



Com a chegada das tropas aliadas, os algerianos puderam fumar novamente. Antes, sob o domínio do Eixo, os oficiais e soldados alemães tinham prioridade em matéria de cigarros e alimentos

aliados. Foi, mais uma vez, a recepção das "forças da libertação" que livraram da escravidão e do opróbio um povo oprimido pelo regime fascista e pelos desmandos e violências dos dominadores nazistas. Em ambos territórios, os aliados estabeleceram rapidamente a sua autoridade e começaram a pôr à prova o mecanismo indispensável à restauração das terras e das populações libertadas das ignomínias da "nova ordem" nazi-fascista. Ali, os aliados puderam verificar a natureza do mesmo sentimento de revolta que tem se mantido latente em todos os territórios ocupados pelos dominadores alemães na Europa e informaram-se a respeito dos vários problemas de libertação, de socorro e de reabilitação existentes entre as populações europeias e asiáticas.

No norte da África, esses problemas se apresentavam com um carácter bastante grave e generalizado. A tremenda luta causara danos incalculáveis e tornava-se premente a necessidade de abastecer a população com vários recursos de uso imediato — subsistências, roupas e medicamentos, o que foi feito logo que os aliados estabeleceram a sua administração local. Conquanto houvesse grande escassez de alimentos, o trigo já estava sendo cultivado em várias áreas, e as condições, em geral, não tardaram em voltar, pouco a pouco, ao normal. Durante a ocupação da Sicília, ficou constituída, formalmente, a autoridade militar especialmente designada para administrar os territórios ocupados pelos aliados. E' um serviço entregue a pessoal especialmente preparado nos Estados Unidos, em detalhes de administração sujeitos a um princípio básico constante do manual de campanha publicado pelo Departamento da Guerra:

"Acima de tudo, deve considerar-se a necessidade de prosseguir com a guerra até a vitória. Sem se afastar desse princípio básico essencial, o governo militar deve agir com justiça, humanidade e cordura, encarando sempre o que for melhor indicado para o bem-estar dos povos governados."

A norma da administração dos aliados em territórios ocupados foi descrita pelo Presidente Roosevelt, quando se referiu à Sicília: "Já estamos ajudando o povo italiano na Sicília. Com a sua cooperação cordial, estamos estabelecendo e mantendo a ordem e a segurança públicas, estamos dissolvendo as organizações que conservaram o povo sob a tirania fascista e estamos providenciando para que todos sejam supridos das necessidades mais imediatas, até que cada um possa, em devido tempo, cuidar de si mesmo. Em todos os países conquistados pelos nazistas, pelos fascistas e pelos militaristas japoneses, o povo tem sido reduzido à réles condição de escravo. Estamos determinados a restaurar esses povos dando-lhes a dignidade de seres humanos, senhores de seus próprios destinos, fazendo jus à liberdade da palavra, à liberdade de cultos, livres da privação e livres do temor. Já começamos a cumprir essa promessa."

A administração militar dos aliados tem como objetivo primacial a manutenção da ordem e da segurança nas linhas da retaguarda, para poder garantir aos povos vencidos a volta à normalidade de suas atividades, com o concurso das próprias autoridades aliadas. O caso da cidade de Palermo, na Sicília, bem ilustra esse propósito. A cidade, com seus 300.000 habitantes, sofreu todos os horrores da guerra, inclusive os bombardeios aéreos. Muitos dos seus moradores tiveram que abandonar suas casas e seus haveres, fugindo para fóra da zona de guerra. Os funcionários públicos civis locais que não tinham estado ativos no partido fascista foram reintegrados em suas funções, afim de restaurar o mais breve possível o governo municipal. A polícia foi conservada no cumprimento dos seus deveres, assim como os bombeiros e os serviços de limpeza pública, de correios e de telegrafo. Os prisioneiros políticos, alguns dos quais estavam havia meses encerrados em cárceres, foram postos em liberdade, em meio de verdadeiras cenas de regosio e entusiasmo.

Em sua primeira proclamação dirigida ao povo da Sicília, o general Sir Harold Alexander, chefe do governo militar daquela área, garantiu a todos que, desde que cumprissem as ordens da autoridade militar, nada os impedia de continuar em suas ocupações normais, e que todas as leis discriminatórias, baseadas em preconceitos raciais ou religiosos, seriam anuladas, sendo que, guardadas as necessidades estritamente militares, seria garantida a liberdade da palavra e da imprensa.

Em Palermo, tal como noutras cidades sicilianas, as provisões alimentícias constituíam um dos problemas mais urgentes. Por isso, foi organizado um serviço de arrecadação geral, por meio de auto-caminhões, de tudo quanto podia ser usado para alimentar a população, enquanto que, do norte da África, seguiam outros recursos para os vários trabalhos de reconstrução e de concertos.



A dominação do Eixo se caracteriza pelo completo abandono no que diz respeito à nutrição das crianças. Estas que se vêem na gravura, com o sargento americano Paul Myers, estão recebendo latas de leite condensado trazidas pelos navios que conseguiram vencer o bloqueio dos submarinos no Atlântico. Para elas esse é o maior sinal da vitória



O encontro do soldado americano J. Gallo com a sua avó, na Sicília. Os pais de Gallo imigraram para os Estados Unidos há vinte anos



Vários feridos civis, vítimas acidentais nas batalhas na Sicília, recebem tratamento médico do corpo de saúde do exército inglês. Os aliados levaram medicamentos e séros para os feridos civis



A PARADA DA VITÓRIA

A COMPLETA expulsão das tropas do Eixo na África foi um acontecimento de grande importância histórica. Encerrou a primeira fase da campanha das "forças aliadas de libertação" para livrar os escravizados povos da Europa do jugo da

dominação e da exploração nazista. Em cima, vemos as vitoriosas tropas aliadas sendo passadas em revista, em Túnis, pelo general Dwight Eisenhower e pelos líderes militares aliados. Estas são tropas que foram recebidas como libertadoras, pela população

da África do Norte. Pouco depois, prosseguiram novamente na sua avançada — mas desta vez através do Mediterrâneo para a invasão da Sicília — a maior operação militar de todos os tempos, num conjunto de forças de terra e mar. Trinta e oito

dias depois, a estratégica ilha italiana estava completamente sob o domínio das tropas dos aliados. Congratulando-se com a magnífica demonstração militar, o General Eisenhower declarou que, "com tais soldados podia-se ter confiança no futuro."

O SARGENTO SMITH

A DRAMÁTICA AVENTURA DO SEU PRIMEIRO RAIDE AÉREO

SENTADO, dentro do seu compartimento envidraçado de uma "Fortaleza Voadora," o artilheiro, sargento Maynard Smith, sentia-se calmo e confiante, contemplando vagamente os vastos espaços que o seu avião ia deixando para trás, velozmente, sobre o canal da Mancha. Momentos depois, o aparelho mergulhava por entre flocos de fumaça do fogo anti-aéreo das baterias alemãs, que já então lhe pontilhavam a trajetória. A missão era bombardear as bases dos submarinos inimigos, em St. Lazaire, na costa francesa. O sargento Smith, firme no seu posto, ia girando, continuamente, a sua torre, em todos os sentidos, para alvejar com o seu possante canhão, os aviões de combate inimigos. Estes surgiam zunindo, aproximando-se para o ataque, mas logo desviavam o curso, fugindo ao contra-ataque.

Esta era a primeira missão de bombardeio do sargento Smith. Ele suava frio, sob o seu pesado abrigo de pele de carneiro, nos primeiros momentos da refrega. Mas não tardou em se sentir melhor quando viu que seus tiros estavam fazendo recuar o inimigo. Chegou, finalmente o momento do bombardeio. O avião largou a sua carga de formidáveis explosivos, enquanto Smith continuava ativo, mantendo à distância os aviões atacantes nazistas. Estavam agora sobre a costa da Bretanha, fazendo rumo à sua base na Inglaterra. Os alemães persistiam, ansiosos por uma oportunidade de abater a poderosa "Fortaleza" aérea, mas inutilmente. Smith não esmoreceu na sua vigilância e pôde, for fim, se convencer de que o pior havia passado. Mas, de repente, o avião foi sacudido violentamente por uma explosão. Uma bala de um dos canhões de longo alcance dos aviões nazistas tinha perfurado certamente a base da fuselagem e explodido dentro do compartimento do radiotelegrafista. O avião projetou-se, desgovernado. Smith, imediatamente, procurou indagar, pelo telefone, a causa da ocorrência, mas não obteve resposta. Tentou girar a sua torre, mas sem resultado. Os controles elétricos não funcionavam. O artilheiro não perdeu tempo. Viu que, sem poder girar a torre, a sua presença ali era inútil. Serviu-se do elevador manual e voltou ao interior do avião. Uma fumaça negra se elevava da combustão de várias partes do aparelho, enchendo o ar com o cheiro penetrante de substâncias químicas. A porta do avião estava escancarada. Uma língua de fogo atingia as paredes metálicas do aparelho. Por uma passagem surgiu, cambaleante, o radiotelegrafista, que, além de ter sofrido graves queimaduras, estava cego pela fumaça. Passou pelo sargento Smith, seguiu direito à abertura de um dos canhões laterais e lançou-se ao ar. Smith viu-o bater no estabilizador horizontal do avião e ricochetejar. Poude notar que seu companheiro não estava com o salva-vidas que todos os aviadores costumam usar e supôs que o mesmo tivesse sido destruído pelo fogo. Viu abrir-se o pára-quedas do rádio-telegrafista e ficou a pensar, por um momento, quanto tempo poderia ele sobreviver no mar.

Smith estava munido do seu pára-quedas, mas não pensou em atirar-se. Mais tarde, declarou que, se tivesse tido tempo de refletir melhor, de certo teria abandonado o avião, porque este não parecia estar em condições de continuar muito tempo no ar. Seu primeiro

impulso foi, pois, de lançar mão de um extintor de incêndio e atacar as chamas. Nessa ocasião, viu o artilheiro da esquerda lançar-se no espaço. O artilheiro da direita pretendia fazer o mesmo, mas ficou impossibilitado de passar pela abertura. Smith puxou-o para o interior do avião e ajudou-o a chegar à porta de trás. Notou então que nessa parte do aparelho o fogo também grassava violentamente. Quando o artilheiro da direita lançou-se no espaço, deixou uma *sweater*. Smith serviu-se dela para proteger o rosto contra as chamas. O fogo no compartimento do rádio parecia ser o pior, por isso, o sargento muniu-se de outro extintor e foi combatê-lo. Mas antes de chegar ao compartimento, tropeçou e caiu no centro do avião. Ao levantar-se, viu um avião Focke-Wulf, da esquadilha atacante alemã, cujo propósito era aproveitar-se da precária situação da "Fortaleza" americana e dar-lhe o "tiro da graça." Mas o artilheiro conseguiu chegar ao canhão da esquerda e fazer vários disparos contra o inimigo. O avião nazista aproximou-se mais ainda, por baixo da "Fortaleza." Smith passou para o canhão da direita e fez outros disparos, voltando depois a atender à extinção do incêndio. Desfez-se do seu pára-quedas, para poder mover-se mais à vontade, e estava esvasiando o segundo extintor, quando distinguiu alguém que surgia do espesso da fumaça. Era o sargento Roy Gibson, artilheiro da cauda do avião, que fora ferido e procurava chegar à parte dianteira do aparelho. Smith ajudou-o a manter-se de pé, mas o sargento Gibson caiu, desfalado. Smith abriu-lhe a camisa e verificou que uma bala lhe havia atravessado o peito, pelo pulmão esquerdo. Deu-lhe uma dose de morfina e voltou novamente a atacar o fogo que crepitava dentro do avião. Usou todos os extintores que pôde encontrar e valeu-se ainda da água que havia numa lata e em algumas garrafas, para subjugar as chamas. Mas, várias vezes, teve que interromper

esses esforços, para voltar ao manejo dos canhões, porque o avião nazista persistia no intuito de destruir a aeronave americana.

Quando Smith não encontrou mais água, atacou as chamas com as suas próprias mãos, protegidas por luvas de couro, com os pés, calçados com seus sapatos reforçados. Ao mesmo tempo, foi desfazendo o avião de todo equipamento que estava inutilizado pelo fogo, e que interrompia a passagem.

Nos controles, o piloto, tenente Lewis Johnson, continuava sem saber o que estava ocorrendo no resto do avião. Com o serviço de comunicações telefônicas interrompido a bordo, ele fazia tudo para conservar o avião na mesma altitude e levá-lo de volta à sua base. Não foi sem vencer tremendas dificuldades que conseguiu aterrissar novamente na Inglaterra. A esse tempo, o sargento Smith já tinha quase dominado o fogo. Sete dos tripulantes lograram assim chegar a salvo, sendo que o sargento Gibson restabeleceu-se do ferimento recebido durante o combate aéreo.

O avião chegou com grandes avarias. O fogo foi tão intenso que derreteu o metal das bases dos canhões e de outras partes do equipamento. Mas, apesar de tudo, o avião ainda estava em condições de ser reparado e ser posto novamente em serviço, o que foi feito com sucesso. Os três tripulantes que tinham saltado, de pára-quedas, devem ter sido socorridos no mar ou talvez tenham atingido algum ponto em território ocupado pelos nazistas, na Europa. Smith encontrou uma bala incrustada no seu pára-quedas, circunstância que, de certo, lhe salvou a vida. Nos círculos aeronáuticos o heroísmo do denodado sargento artilheiro mereceu louvores excepcionais, e ele foi o primeiro aeronauta americano, dentre os que estão em ação na Inglaterra, a receber, em vida, a Medalha de Honra conferida pelo Congresso, a mais alta distinção militar dos Estados Unidos. Somente outro aviador recebeu essa condecoração, postumamente. A cerimônia da entrega da medalha ao heróico sargento Maynard Smith foi presidida pessoalmente pelo Secretário da Guerra dos Estados Unidos Henry L. Stimson, em sua visita de inspeção às bases americanas situadas na Inglaterra.

Ao fazer a entrega da medalha ao sargento artilheiro aéreo, o Secretário da Guerra, enaltecedo o denodo do condecorado, acentuou o seu espírito de abnegação e heroísmo mesmo em face de risco iminente da sua própria vida.

O registro dessa prova tão significativa de valor militar é, de fato, um estímulo para todos os membros das forças armadas dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, as circunstâncias que envolvem a ocorrência denotam também a incomparável superioridade material dos aviões que estão "saturando" de explosivos os reductos nazistas. O número de casos em que os aviões "Fortalezas Voadoras" têm resistido ao efeito das balas inimigas de vários calibres, já levou ao inimigo, na Europa, na África, na Ásia e no Pacífico, a convicção da superioridade das armas e do material bélico de que dispõem os aliados. Esta é a razão por que a guerra aérea, em que tanto procuraram se especializar os alemães, está sendo atualmente o seu maior pesadelo. O bombardeio contínuo e eficaz de Berlim e dos pontos mágnos da indústria bélica nazista constituem a maior prova da superioridade de arma aérea dos aliados.



O sargento Maynard Smith, artilheiro de uma "Fortaleza Voadora", condecorado com a Medalha de Honra, por atos de bravura, ao extinguir, um incêndio no seu avião, durante um raide



O Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, ao receber as boas-vindas, no aeroporto de Washington, do major-general George E. Stratemeyer, chefe do estado-maior da Aviação Militar dos Estados Unidos (à esquerda), e do Embaixador Carlos Martins Pereira e Souza. Em baixo: o Dr. Salgado Filho experimentando um aparelho de raios X, usado nas fábricas da indústria aeronáutica norte-americana para verificação das peças que compõem os motores



O MINISTRO SALGADO

A FIM de verificar pessoalmente o progresso da aviação nos Estados Unidos, o Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica do Brasil, teve oportunidade de percorrer várias fábricas de aviões e observar a preparação técnica do pessoal em vários campos de aviação, durante a sua visita oficial realizada em Julho último. O Ministro Salgado Filho teve também ensejo de expôr às altas autoridades americanas e ao público o grande desenvolvimento aeronáutico realizado nestes últimos anos no Brasil, onde estão sendo organizados todos os esforços para manter o país em contínuo progresso aéreo. Convidado pelas altas autoridades militares e navais, assistiu os exercícios feitos pelas tropas paraquedistas nos campos de manobras do Tennessee e informou-se, em várias fábricas de aviões e de motores, dos métodos de produção rápida e eficiente. A sua presença nos Estados Unidos serviu também para ultimar as negociações referentes à transferência, de Miami para São Paulo, de uma escola de mecânicos aéreos, com uma frequência inicial de 500 alunos. Além disso, em virtude, de contrato assinado com uma das maiores fábricas de motores norte-americanos, a Fábrica Nacional de Motores do Brasil ficou autorizada a fabricar motores, ferramentas e peças das que estão sendo atualmente fabricadas nos Estados Unidos.

Por ocasião de sua visita ao Presidente Roosevelt, o Dr. Salgado Filho comunicou-lhe o donativo de 400.000 sacas de café, que o Presidente Vargas oferecia às tropas dos Estados Unidos. As autoridades militares americanas tomaram imediatas providências para que fosse feita a remessa da apreciada dádiva aos soldados.

Como prova de reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados a bem do esforço de guerra das Nações Unidas, o governo dos Estados Unidos conferiu-lhe a medalha de honra da Ordem de Mérito, a mais alta condecoração norte-americana destinada a estrangeiros ilustres.



O Ministro Salgado Filho inspeciona um motor na fábrica de Patterson, da Wright Aeronautical Corporation. Motores deste tipo serão fabricados nas oficinas da Fábrica Nacional de Motores do Brasil

SALVADOS DE GUERRA

EM tôdos os campos de batalha está se procedendo à cuidadosa arrecadação de ferro velho de toda sorte, tanques desmantelados, aviões destroçados, caminhões aos pedaços, peças de artilharia e de qualquer armamento imprestável, que são reembarcados para os países aliados. Dessarte, as indústrias estão dispostas de milhares de toneladas de matéria prima reconstituída pronta para ser usada na fabricação de armamentos. As grandes quantidades de aço, de cobre, de estanho, de alumínio, de borracha e de outros materiais essenciais que podem ser arrecadados dessa maneira são embarcados em navios, em vagões ferroviários e em caminhões que transportam as tropas e seus abastecimentos e armamentos para as frentes de batalha.

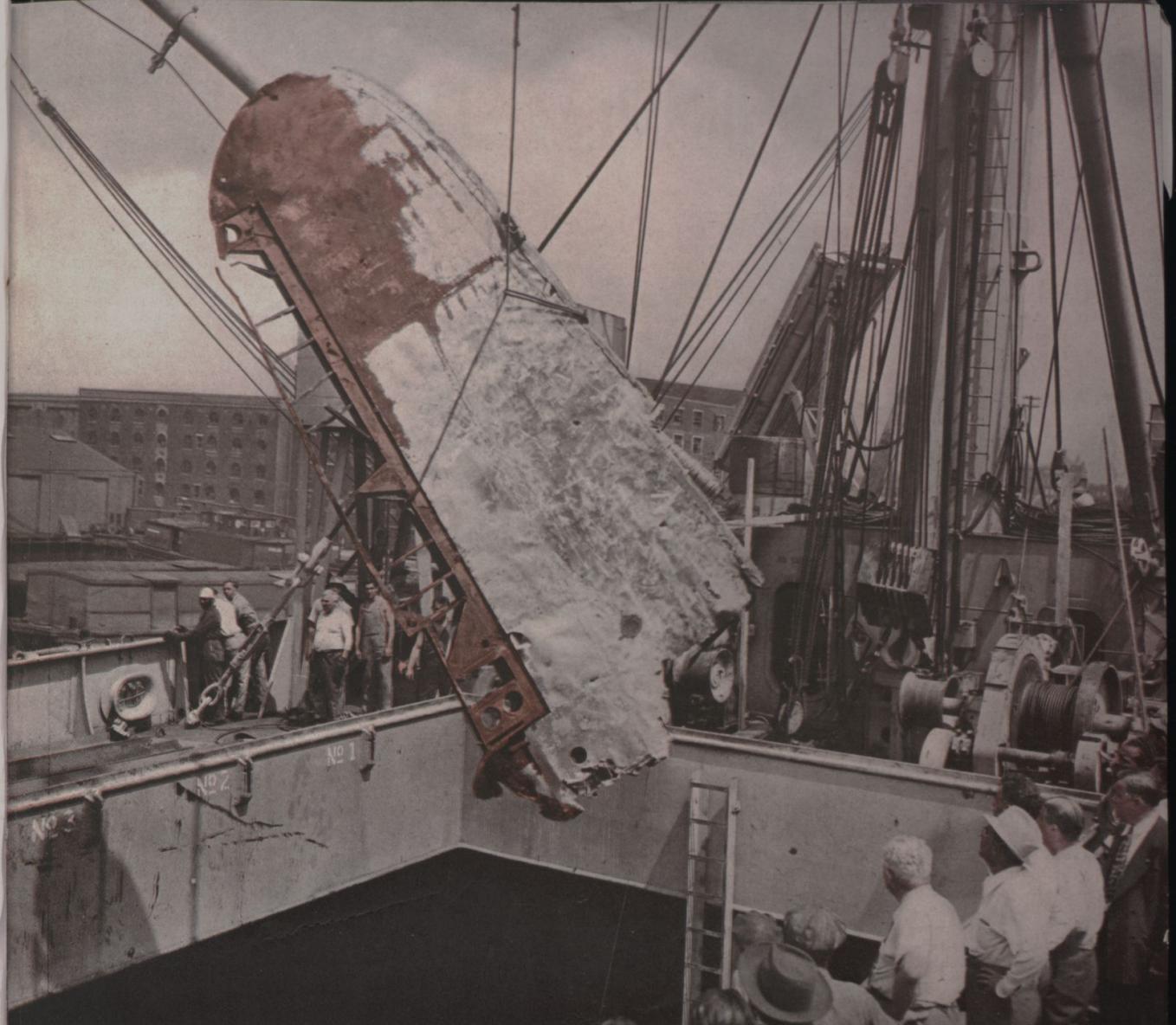
Toda peça de material bélico abandonada no campo de batalha, quer seja dos aliados ou deixada pelo inimigo, é recolhida pelas turmas especiais de salvamento do Exército e da Marinha, treinadas para esse serviço. Cunhetes de munição, estojos de projéteis, cartuchos, cilindros de oxigênio e de acetileno e dezenas de outros materiais de guerra entram para as pilhas de salvamento. O volume de material que está sendo assim aproveitado tem crescido tanto que depósitos suplementares foram estabelecidos nas bases de além-mar, para maior conveniência e presteza na seleção e distribuição dos salvados. Nesses depósitos são os salvados separados em três categorias: peças e material em bom estado; material danificado, que precisa ser recomposto; e material que só serve como socata ou ferro velho. As partes usáveis são adicionadas aos abastecimentos das forças aliadas nas bases avançadas e, sempre que possível, todo equipamento avariado é concertado em oficinas ambulantes, perto do campo de ação das tropas combatentes.

Dos Estados Unidos e de outros países aliados são enviadas numerosas peças sobressalentes para as bases onde se procede à montagem de tanques, de aviões, de rádios e de outros artigos de equipamento militar. As peças que não podem ser usadas na frente de batalha são classificadas e separadas de acordo com a natureza do metal e do material. Assim se acelera a distribuição das peças nos centros industriais, onde deverão ser aproveitadas, depois dos devidos concêrto.

Motores desmantelados, hélices e outras peças reunidas nos desertos do norte da África chegam aos Estados Unidos para serem transformados em novo equipamento para as forças aliadas. Em baixo: tanques nazistas, avariados, ao serem desembarcados num porto norte-americano. Depois de meticulosamente examinados pelos especialistas militares serão desmantelados e, como simples ferro velho, transformados em novas armas de guerra



Capacetes, usados pelos legionários de Hitler, voltam para a indústria bélica para serem transformados em balas



A asa avariada de um avião ao ser guindada do porão de um navio dos aliados que trouxe um carregamento de salvados de guerra. Todo o metal será aproveitado

Turmas de especialistas do exército dos EE.UU. acompanham os exércitos aliados para salvar todo material avariado que for possível. Aqui vemos peças de tanques



NOVA LIGAÇÃO BRASIL-EE. UU.

O serviço radiotelegráfico que acaba de ser estabelecido entre o Brasil e os Estados Unidos vem ser mais um meio de colaboração entre as duas nações unidas no mesmo objetivo de reação contra os agressores europeus, desde 22 de Agosto de 1942.

O referido serviço é mais uma ligação na rede universal de radiofotografia, por isso que, de agora em diante, as fotografias recebidas através do rádio, nos Estados Unidos, procedentes das frentes de batalha, assim como de outras Nações Unidas, poderão ser retransmitidas imediatamente para o Brasil. As fotografias recebidas do Brasil, relativas

a importantes acontecimentos de ordem civil ou relacionadas com o papel que o Brasil está desempenhando no programa de guerra, poderão ser transmitidas para os Estados Unidos e para as demais Nações Unidas. Assim, as fotografias procedentes do Brasil serão retransmitidas para todas as partes, compreendidas na vasta rede do serviço radiofotográfico com a mesma presteza com que é feita, há muito tempo, a distribuição de notícias.

A íntima colaboração existente entre o Brasil e os Estados Unidos, e que agora se caracteriza essencialmente na guerra em que ambas as nações estão empenhadas, em comum, contra a tirania européia,

teve início nos primeiros tempos da história brasileira. O Brasil foi uma das primeiras nações a apoiar a atitude dos Estados Unidos, contra o restabelecimento de qualquer hegemonia européia no Hemisfério Ocidental.

O Imperador Dom Pedro II honrou os Estados Unidos com a sua visita feita à Filadélfia, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da Independência Americana.

Em 1918, o Dia da Independência dos Estados Unidos — 4 de Julho — foi observado oficialmente como um feriado nacional no Brasil.

A inauguração do serviço radiofotográfico constituiu parte das cerimônias comemorativas do Dia da Independência do Brasil, a 7 de Setembro deste ano. Poderosos aparelhos transmitiram fotografias entre o Rio de Janeiro e Nova York durante a cerimônia inaugural, à qual estiveram presentes o Presidente Vargas e altas autoridades brasileiras.



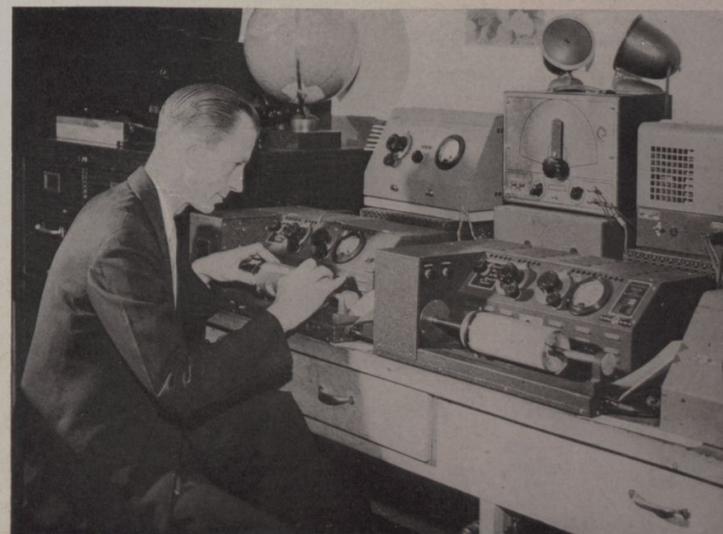
○ Dia da Independência do Brasil marcou a inauguração do serviço radiofotográfico entre o Rio e Nova York. Aqui vemos o Presidente Vargas durante a parada



Outra radiofotografia mostrando uma divisão mecanizada brasileira ao passar em frente ao edifício do Ministério da Guerra, por ocasião da grande parada



Poucas horas depois de terem sido fotografados, no Rio de Janeiro, o Presidente Getúlio Vargas e o Embaixador Jefferson Caffery, dos Estados Unidos, esta radiofotografia foi recebida em Nova York



Este é o aparelho usado para a transmissão ou para a recepção de fotografias pelo rádio. O cilindro expõe a um raio de luz uma parte pontilhada da fotografia, de cada vez, e a luz é refletida numa célula fotoelétrica. Conforme fôr a intensidade da luz exposta, será a gradação dos detalhes claros e escuros

PORTO DE EMBARQUE

A IMPORTÂNCIA DA SUA PERFEITA ORGANIZAÇÃO EM TEMPO DE GUERRA

“PORTO de embarque”, militarmente, não se refere unicamente às docas onde os transportes de guerra recebem as tropas que vão de viagem. Refere-se a tódo o conjunto necessário ao aquartelamento das tropas e do seu equipamento e dos serviços anexos. São quilômetros de acampamentos, de armazens, depósitos, hospitais e estações ferroviárias.

Centenas de milhares de homens e enormes quantidades de material bélico passam por esses pontos de embarque. Poucos soldados sabem para onde se destinam. Desde o momento em que chegam ao porto, só estão certos de uma coisa — de que vão seguir para a frente de batalha. Por motivos de ordem militar, não se divulga a rapidez com que se faz a movimentação das tropas. Mas é certo que elas se movimentam com precisão cronométrica. Exercícios inteiros e tudo quanto lhes pertence têm sido inspecionado, verificado, marcado e embarcado

em questão de horas, num máximo de eficiência. Um dos maiores pontos de embarque atualmente, nos Estados Unidos, era um vasto pantanal. Hoje se assemelha a uma ativa pequena cidade, com serviços de esgotos, de iluminação, usinas, grandes lavanderias, armazens, restaurantes, cinemas e capelas. Conquanto seja parte integrante do porto de embarque, esse local está situado a muitos quilômetros do mar, em ponto estratégico no interior do país. Sua ligação com o porto, propriamente, é feita por via férrea, via fluvial e rodovias. De tódos os pontos dos Estados Unidos afluem a esse centro militar milhares de soldados de todas as armas. As unidades chegam sob o comando de oficiais do porto de embarque. Os soldados, logo que chegam, são submetidos a novos exames, assim também seu respectivo equipamento, não deixando lugar para dúvidas. Há cinco inspeções importantes, que são

Continúa





Um soldado escreve a sua última carta para casa, pouco antes de embarcar. Em baixo: a movimentação de tropas para as grandes batalhas futuras. Alguns destes soldados talvez nunca mais vejam a sua pátria; outros talvez voltem em navios-hospitais. Todos, porém, partem animados pela ideia de vencer



(Continuação)

procedidas imediatamente. A primeira é uma rigorosa inspeção de saúde. A segunda refere-se unicamente aos dentes. A terceira, ao equipamento de guerra de cada soldado; a quarta tem a ver com o seu equipamento contra a guerra química e, finalmente, a quinta é a inspeção geral dos alimentos, fardamentos e material de campanha. A tropa só embarca depois de estar armada, municida e equipada com toda a segurança. Dois ramos do serviço ficam particularmente atarefados nessa ocasião: a auditoria de guerra e os capelães. Os soldados que seguem para a guerra sempre têm problemas de ordem jurídica — consignações de pagamentos a serem feitos a parentes e amigos e outros assuntos de carácter doméstico. Quanto aos capelães, estes atendem ao conforto espiritual e religioso dos soldados que estão de partida, com destino incerto.

O acampamento é um ponto de estacionamento provisório. Aí se reúnem tropas e material bélico considerados em condições de embarcar. As tropas veem isoladamente ou em unidades completas. Os abastecimentos são procedentes directamente das fazendas; das fábricas e de depósitos especiais. Destinam-se à África, à Itália, à Inglaterra, à Islândia ou qualquer outro ponto do mundo em atividade bélica.

Poucos soldados têm comentários a fazer. Estão sob uma emoção natural, mixto de ansiedade e saudade. De um lado é a viagem e, depois, a luta que os aguarda; de outro, é a lembrança da família, as recordações de casa. Nos últimos momentos da sua preparação para embarcar, conservam-se atentos e silenciosos, suando sob o calor intenso, ao péso do equipamento. Na estação ferroviária do acampamento, o trem está à espera, com a locomotiva fumegante de pressão. São 15 horas. A banda de música está na plataforma da estação e ao longo da estrada, a tropa está formada em linha, à vontade, com armas e bagagens. Rompe a música e começa a marcha, lentamente, de cada unidade, com destino ao seu respectivo vagão, previamente designado.

A banda marcha de um lado para outro, enquanto a tropa entra nos vagões. O soldado mais visivelmente emocionado é o tambor da banda de música, apesar de ser um dos que ficam. Em cada pancada no tambor, ele eleva a mão direita bem alto, com dois dedos em forma de "V" da vitória. E, numa voz rouca, é o único que se faz ouvir, dizendo: "Adeus!"



Grandes paquetes, que foram construídos para conduzir centenas e para milhões de soldados para todas as frentes de batalha. Tão passageiros em tempo de paz, estão agora servindo de transporte espaço disponível é valioso para acomodar soldados e seu equipamento

E' chegada, finalmente, a hora da partida das tropas. O longo comboio começa a mover-se em direção ao porto de embarque. E' um curto percurso e, breve, procede-se a outra formatura, ao longo da doca. Assistentes femininas da Cruz Vermelha estão a postos, oferecendo café, refrescos e biscoitos aos soldados. À distância, longos trens de carga alinham-se na doca. Entram em ação os guindastes, fazendo a baldeação da carga dos vagões para os porões dos navios. Mais além, estão outros vagões aguardando a sua vez: é o carregamento de munição. Nos porões de bordo, 15.000 tambores de gasolina de alta qualidade são parte da sua valiosa carga. Na coberta, numerosos caixões e engradados de variadas dimensões, encontram-se dispostos, firmemente amarrados. O trabalho é intenso, mas feito com absoluta ordem. Os soldados preparam-se para as últimas formalidades que precedem o embarque. Formados em linha a um de fundo, vão respondendo à chamada e passando pelas mesas de registo. Feito isto, encaminham-se para a prancha e embarcam. Uma vez a bordo, ficam à vontade. Arriam o equipamento e descansam. Alguns dispõem-se para dormir um pouco. A bordo, todo espaço disponível é reservado para acomodar a tropa. Mas nem sempre é possível proporcionar macas para todos, e muitos acomodam-se da melhor maneira nas cobertas do navio. Durante a viagem, os que dormem em macas alternam com aqueles que dormem no convés, cada vinte e quatro horas.

As acomodações reservadas para os oficiais não diferem muito daquelas destinadas aos soldados, excepto por serem compartimentos separados, que alojam um mínimo de três oficiais. Uma das dependências de bordo consideradas de grande importância nessas travessias é a biblioteca, especialmente aumentada para satisfazer a afluência de leitores. Os soldados lêem muito durante a viagem.

Quanto à alimentação, consiste de duas refeições por dia, porque o espaço a bordo não permite servir mais uma refeição à tropa, conforme é de costume em terra. As refeições são, porém, profusas.

Quando em alto mar, os soldados podem fumar. Carregado até linha d'água, o transporte segue serenamente com a sua preciosa carga — a mocidade da nação. Ao largo da costa aguardam-no os navios de guerra que formarão a sua escolta.



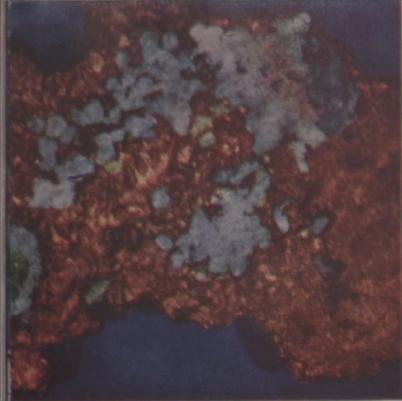
Algumas das milhares de enfermeiras militares prestes a embarcarem para as frentes de combate de além-mar. Em baixo: uma cena comum nos portos de embarque dos Estados Unidos — tropas procedentes de todos os pontos do país formam numeroso contingente que vái aumentar os efetivos dos aliados



Minerais das Américas

OS minerais, que são tão imprescindíveis para a guerra moderna, têm sido uma das contribuições mais importantes das Nações Americanas para a vitória das Nações Unidas. Quasi que não há moderno instrumento de guerra que não requeira uma considerável variedade de minerais. Sem estes seria impossível fabricar a grande quantidade de armamentos necessários para assumir a ofensiva nos diversos teatros da guerra. Os países da América são uma das fontes mais copiosas de minerais do mundo. O aproveitamento das riquezas minerais do Hemisfério Ocidental é de suma importância, não somente para obter a vitória, como também para garantir a prosperidade das Nações Americanas depois do conflito. Esses materiais da crosta

terrestre são parte da riqueza permanente das Américas. A República Argentina, por exemplo, produz chumbo, tungstênio e zinco. A Bolívia é uma das maiores fontes de estanho do mundo e, na América, é o maior centro produtor de tungstênio. Juntamente com o México, fornece considerável quantidade de antimônio. No Canadá há ricas jazidas de mercúrio, de cobre e de cromo. O Brasil produz os melhores cristais de rocha do mundo e é o único país da América onde se produz, comercialmente, o titânio e o zircônio, além de possuir muitos outros veios metálicos. O Chile é um grande produtor de cobre. Cuba tem manganês, tungstênio e cromo. O México é um dos principais produtores de mercúrio e de outros valiosos metais.



COBRE



ESTANHO



ZINCO



ZIRCÔNIO



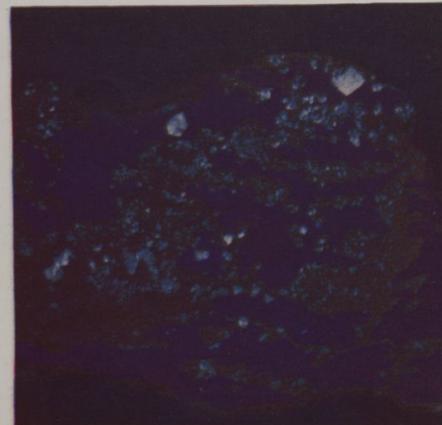
TITÂNIO



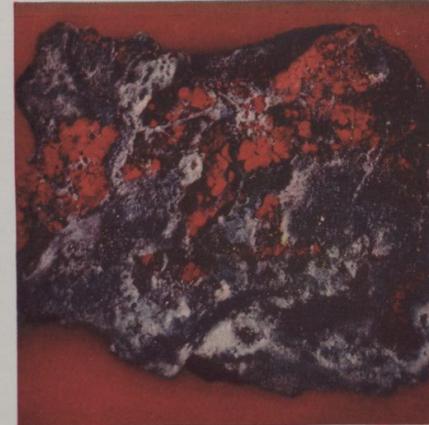
ANTIMÔNIO



CHUMBO



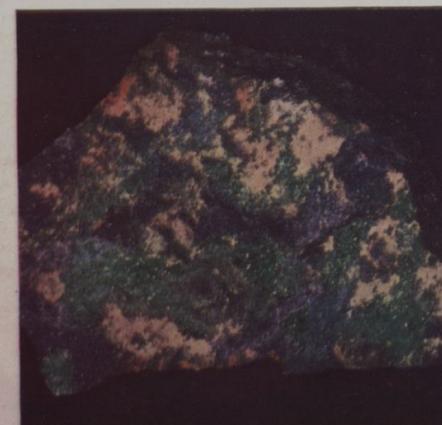
TUNGSTÊNIO



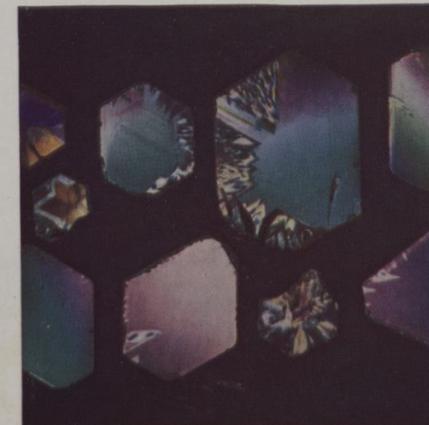
MERCÚRIO



MANGANÊS



CRÔMIO



QUARTZO

COBRE

É um dos metais imprescindíveis, de grande produção no Hemisfério Ocidental, usado em linhas telegráficas, em cabos condutores de energia elétrica, em munições e em navios. É assim um dos materiais de maior necessidade para fins militares. Sem o uso do cobre não há arma de fogo que possa disparar. Os cartuchos disparados num minuto, por exemplo, por um avião de caça, com oito metralhadoras de calibre 303mm. gastam 120 quilos de cobre. Na América, o Chile é o maior produtor, vindo depois os EE.UU., o México, o Peru, Cuba e a Bolívia.

ZIRCÔNIO

Várias e importantes são as aplicações deste metal na indústria bélica. Emprega-se na fabricação de fulminantes para explosivos, de pó para lanternas elétricas e em tubos de vácuo. As ligas de zircônio com ferro e silício são empregadas para reduzir os efeitos prejudiciais que ocorrem na fabricação do ferro fundido, por causa do oxigênio, do nitrogênio, do fósforo e do enxofre. O Brasil é uma das maiores fontes de zircônio do mundo. Outros centros principais de produção são a Austrália, a Índia e a África Ocidental Francesa, onde estão se abastecendo as Nações Unidas.

CHUMBO

Na produção de armamentos, o chumbo puro é empregado unicamente para fabricar munições. Sendo o maior componente dos projéteis das armas de fogo pequenas, há grande consumo de chumbo em todos os teatros da guerra. Indiretamente, o metal desempenha importante papel na fabricação de petrechos. É usado em acumuladores, em mancais para veículos motorizados e na tinta, em obras militares. Tratado quimicamente, entra na construção de fábricas de explosivos. O tetraetilo de chumbo é usado na composição da gasolina de alta qualidade.

MANGANÊS

Metal importantíssimo para a fabricação de armas. Na produção do aço o manganês é usado de duas maneiras: adicionando o minério de baixo teor ao ferro gusa, nos altos fornos, e em forma de ferro-manganês, que é a mais útil. Serve para eliminar e neutralizar as impurezas do ferro e para produzir aço destinado ao trabalho em máquinas e a ser convertido em lâminas para outros propósitos. No continente americano, as principais fontes de manganês são o Brasil e Cuba, de grande valia para a vasta indústria de armamentos das Nações Unidas.

ESTANHO

Metal conhecido de longa data e de grande importância atual. Entra na fabricação de numerosos artigos militares, armamentos, vagões, percussores, instrumentos, máquinas fotográficas, eixo de hélices, cabos, etc. Mais de quarenta por cento do estanho importado nos Estados Unidos é empregado na fabricação de latas e de chapas estanhadas. Na fabricação de latas para vasilhame o estanho é de grande conveniência, graças às suas propriedades anti-corrosivas. A guerra aumentou muito o consumo militar de numerosos alimentos enlatados.

TITÂNIO

O minério de titânio tem muitos usos relacionados com a guerra. Ilmenita, o mais comum dos minérios do titânio, é extraído da areia do mar, e o rutilo, outra fonte do mesmo minério, é encontrado em jazidas. O titânio é usado sobretudo na forma de ferrotitânio, para ligar com o aço. Em ligas de bronze-aluminado, de titânio e cobre e de titânio e carbônio, é utilizado nas máquinas de cortar. Na forma de óxido, serve para colorir cerâmica. Os EE.UU. produzem minério de titânio, mas as praias do Espírito Santo, no Brasil, produzem maior quantidade.

TUNGSTÊNIO

É outro metal importante para a fabricação do aço. Além de dar-lhe um ponto de fusão relativamente elevado, empresta-lhe dureza e resistência. O aço com tungstênio é excelente para ferramentas cortantes de alta velocidade, indispensáveis na fabricação de armas modernas. A liga de aço e tungstênio serve também para chapas blindadas e para projéteis contra as mesmas, para a alma das armas de fogo e para revestimento anticorrosivo das peças de artilharia pesada e de outros equipamentos militares de uso constante na guerra moderna.

CRÔMIO

Este é um dos metais raros. Ocorre somente em cinco por cento da crosta da terra que não tiver elementos comuns, isto é, cobre, sódio, silício e cálcio. Com a liga de cromo se produz o aço de várias qualidades, de grande utilidade bélica na fabricação de chapas para blindagem, de máquinas cortantes de alta velocidade, de peças para máquinas e para veículos. O sulfato de cromo é essencial para o cortume de certas peles, e o bicromato de sódio é usado como colorante de uniformes militares. O Brasil é, presentemente, o segundo país produtor.

ZINCO

É empregado na fabricação de estôjos para projéteis, em peças de artilharia, em trabalhos de galvanização e na fabricação de matrizes. Alguns autocaminhões do Exército dos EE.UU. absorvem, na sua fabricação, até 15 quilos de zinco cada um. Em 1938, os países da América, com exclusão dos Estados Unidos, produziram quase onze por cento da produção mundial do zinco. O México é um dos grandes produtores e está exportando quantidades cada vez maiores para os EE.UU. A Argentina, o Peru e a Bolívia são, também, importantes fontes.

ANTIMÔNIO

Metal dos mais essenciais na guerra e utilizado quase exclusivamente para usos militares. O chumbo endurecido com antimônio serve para fabricar balas e granadas, para fabricar metal à prova de desgaste, placas para pilhas, tipos de impressão, solda, metal para tubos e borracha vulcanizada. Com antimônio são feitas as capas dos cabos de cobre, servindo também para produzir a fumaça branca indicadora da trajetória dos projéteis. O chumbo antimônio é produzido por meio da liga dos dois metais ou fundindo os minérios de chumbo.

MERCÚRIO

Tem dois fins essenciais. Em certa forma, absorvem-no completamente as substâncias com as quais se mistura; noutra, permanece inalterável. No primeiro caso, emprega-se nos desinfetantes e nos medicamentos, nos calomelanos, no óxido amarelo, no mercúrio cromo e nos precipitados brancos. No segundo caso, aplica-se nos instrumentos de precisão, termômetros, barômetros e outros, assim como nos acumuladores, retificadores e comutadores. É empregado também nos detonantes de possantes explosivos e em tintas. Encontra-se nas Américas.

QUARTZO

Este é um dos minerais mais abundantes do mundo, mas o Brasil é a única fonte comercial de quartzo de alta qualidade. O quartzo tem a propriedade de gerar, sob forte tensão, um potencial elétrico e por isso é utilizado para transmissores e receptores radio-telefônicos, para televisão e telefonia sem fio. Os cristais de quartzo, usados nas comunicações aéreas e nos visores de bombardeio são de efeito incomparável. O quartzo brasileiro tem desempenhado um papel integrante no sucesso dos bombardeios de precisão contra objetivos na Europa.



Uma formação de "Fortalezas Voadoras" ganha altitude acima das nuvens durante um raide contra a base naval nazista de Kiel. Mesmo sem esôlta, êstes bombardeiros penetram fundo sôbre território alemão, em assaltos feitos à luz do dia, a despeito de forte oposição da aviação inimiga. Os danos causados têm sido extraordinários

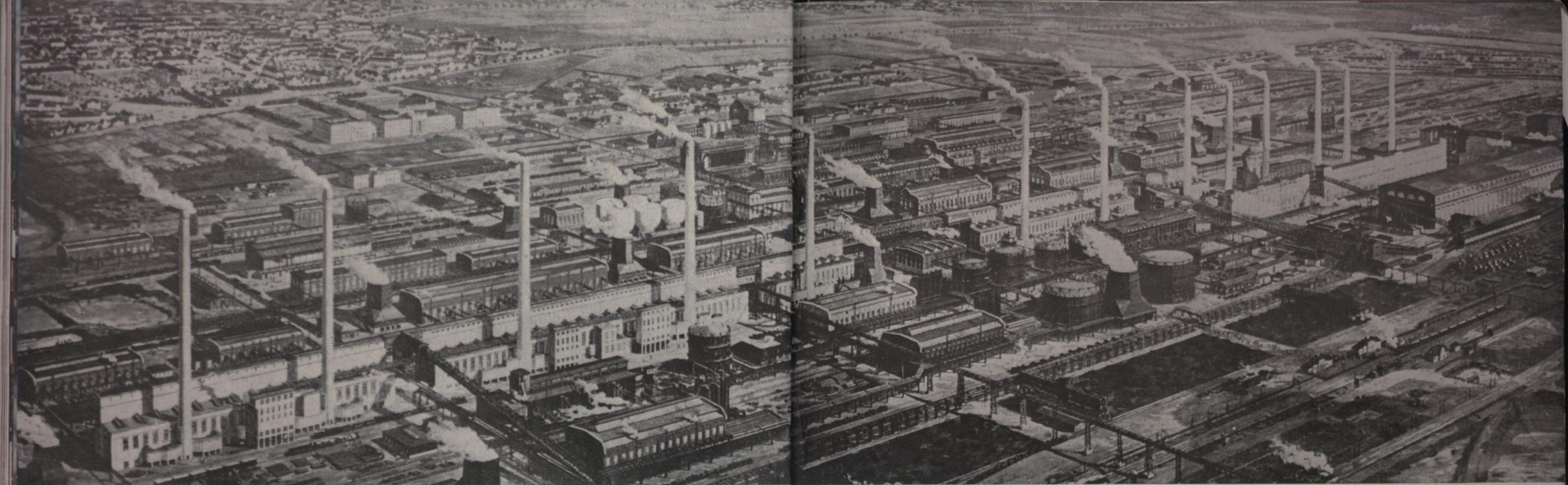
BOMBAS SÔBRE A ALEMANHA

O VALE do Ruhr é um dos maiores centros produtores de aço do mundo. Está situado numa área de 7.600 quilômetros quadrados, sendo a grande base em que se assenta o esforço de guerra da Alemanha. Suas usinas e oficinas, localizadas

entre imensas minas de carvão e a curta distância das jazidas de minério de ferro da Lorena, equiparam os exércitos do kaiser, na primeira guerra européia. Durante os anos que se seguiram à subida do nazismo ao poder, êsse formidável arsenal

passou a produzir febrilmente para as forças armadas de Hitler que abalaram o mundo, em 1939, com o rompimento das hostilidades na Europa. Desde 1932 até o começo da guerra, a sua produção quintuplicou. Ao longo das margens do rio, os

alemães construíram fábricas de tanques, de motores, de torpedos, de borracha sintética e numerosas refinarias de petróleo. No centro da região, em Essen, estão as famosas usinas Krupp — enorme conjunto industrial bélico, composto de numerosas



Enormes estabelecimentos fabris como este, situado em Ludwigshaven, são muito comuns no vale do rio Ruhr, centro da produção de guerra germânica e um dos maiores centros de produção de aço do mundo. Recentes fotografias tomadas da região mostram várias fábricas e usinas completamente destruídas ou seriamente avariadas



A ponte de Raffelberg, sobre o Ruhr, de grande importância para o tráfego industrial, ficou em ruínas em consequência de um dos bombardeios de precisão feito pelos aviadores aliados

instalações fabris, ligadas por uma via férrea de 240 quilômetros e cercadas por 12.000 habitações dos seus operários. Esse é o maior núcleo industrial estabelecido na Alemanha, conhecido por seus armamentos.

Quando as tropas alemãs primeiro atacaram a Polônia, todas as chaminés das usinas do Ruhr estavam fumegando intensamente; todas as suas fornalhas enfrentavam o máximo de produção. Goering, bombasticamente, garantiu então que a zona do Ruhr "jamais seria bombardeada". Mas agora, a indústria nazista de armamentos firmemente instalada no Ruhr está sendo alvo do constante e formidável bombardeio aéreo dos aliados. Dortmund, Duisburg, Duisseldorf, Colônia, Essen, Muenster, Hamm, Celsenkirchen, Wuelheim, Wuppertal e Huelts têm tido suas usinas, fábricas e oficinas, assim também importantes entroncamentos ferroviários atacados sem solução de continuidade, em raids de dia e de noite, a desafiar a invulnerabilidade germânica.

A despeito da longa concentração da sua guerra aérea contra a zona do Ruhr, os aliados estão também ativos, atacando outros redutos importantes do inimigo. Hamburgo, o principal centro portuário alemão, sofreu uma série de tremendos raids que deixaram em ruínas grande parte do centro industrial e as vias de transporte da cidade.

Berlim, desde Agosto que tem sido sujeita a ataques sistemáticos e devastadores. A capital nazista encerra o maior centro ferroviário na Europa, assim como as maiores fábricas de material elétrico. Ali também estão funcionando três grandes fábricas de locomotivas, que produzem um terço do total das locomotivas alemãs. A fábrica da Rhein Metall Doerseig, também em Berlin, é considerada a segunda grande produtora de armamentos, depois da famosa firma Krupp. Tódos esses objetivos têm sido alvejados pelos aliados.

Foi na noite de 15 para 16 de Maio de 1940 que os alemães, pela primeira vez, foram surpreendidos pela tremenda realidade do ataque aéreo contra vários objetivos na área do Ruhr. Noventa e três bombardeiros pesados britânicos, número que, então, constituía um impressionante total, sacudiram com o estrondo de suas bombas de possantes explosivos, vários pontos do vale, rompendo tragicamente a escuridão da noite, com as labaredas produzidas pelo incêndio de refinarias de óleo e usinas de aço. Isso foi apenas o começo, porque dessa noite em diante a potência dos ataques aumentou continuamente até que, em Junho deste ano, as forças aéreas dos aliados chegaram a lançar mais de 15.000 toneladas de explosivos no vale no Ruhr, durante o curso do mês. Não houve um simples ponto de importância industrial ou de comunicações vitais que não fosse bombardeado com um máximo de precisão, verdadeiramente incom-

parável. Durante a primavera deste ano, Essen sofreu tremendos ataques aéreos. Durante um mês, mil toneladas de bombas foram lançadas contra as usinas Krupp. Fotografias aéreas, tiradas 18 horas depois do raide, mostravam a fábrica de vagões de estrada de ferro ainda em chamas e a oficina de locomotivas em ruínas. Somente numa semana, as forças aéreas britânicas atingiram 80 edifícios fabris da Krupp e danificaram seriamente cincoenta. Essen foi atacada tão intensamente que o govêrno nazista decretou um estado de emergência para a região. Os objetivos estratégicos que os aliados visavam nessa cidade não mais ficaram obscurecidos pela fumaça das chaminés de suas fábricas; e quanto às fornalhas das usinas Krupp, essas ficaram frias e inertes por longo tempo, num silêncio lúgubre e de grande repercussão.

Colônia, onde o rio Reno se alarga na área do Ruhr, é um centro ferroviário a serviço de numerosas fábricas locais de ferramentas, de fundições, de fábricas de borracha sintética e de indústrias textis. A maior parte de atividade industrial de Colônia está concentrada na margem direita do Reno. Ai se encontram as fábricas de munições Vulcan, Rheinfels e Mauser, as fábricas de motores Kalk e Humboldt Deitz, as fábricas de material ferroviário Colônia-Nippes e a fábrica Franz Clouth, de borracha sintética. Em 30 de Maio de 1942, Colônia foi alvo do primeiro raide aéreo feito pela aviação britânica, num conjunto de mil bombardeiros. Em 90 minutos, foram lançadas 3.000 toneladas de fulminantes explosivos. A defesa anti-aérea da cidade, que dispunha de 500 moderníssimos canhões, pouco adiantou e numerosos objetivos industriais ficaram danificados. A grande ponte ferroviária de Hohenzollern foi atingida certamente por uma bomba. Cinco dias depois, Colônia ainda estava fumegante; e desde então, tem sido bombardeada frequentemente. Em Duisseldorf, a aviação inglesa lançou, numa de suas incursões, 100.000 bombas incendiárias. Trinta fábricas foram atingidas e 350 estabelecimentos comerciais ficaram destruídos, sendo que a área danificada atingiu um total de 280 acres. Duisburg, situada na confluência do Ruhr com o Reno, o maior porto fluvial do mundo, sofreu ataques aéreos de proporções maiores e mais devastadoras do que os mais violentos assaltos infligidos pelos alemães contra a Inglaterra. O mesmo ocorreu a outras indispensáveis células do potente organismo manufatureiro germânico, onde a produção de famosos "substitutos" têm mantido a máquina de guerra nazista com uma auréola de superioridade qualitativa e quantitativa. Tudo isso tem sido bombardeado sem tréguas pela aviação dos aliados, que está destruindo, interrompendo e impossibilitando o esforço germânico em suas fontes vitais.



Esta rara fotografia, dificilmente obtida, revela a atividade das turmas de salvamento em Munich, depois de um dos raids aéreos feitos pela aviação dos aliados contra essa cidade

O MINISTRO DA GUERRA GENERAL DUTRA

A visita feita aos Estados Unidos, pelo General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, veio acentuar a inestimável cooperação dos dois países na guerra contra o inimigo comum. Irmãos de armas de ambas nações estão ativos, consolidando um conhecimento pessoal mútuo de grande vantagem para a causa que defendem. E através da troca de visitas de altas autoridades do Brasil e dos Estados Unidos, os respectivos governos têm alcançado um perfeito entendimento de grande proveito recíproco.

Nos Estados Unidos, o General Dutra pode observar a significação do extraordinário impulso que a produção bélica está tendo nas fábricas e nos arsenais, assim como a formidável preparação tática das tropas. Além de visitar o Presidente Roosevelt, com quem palestrou demoradamente, esteve com várias altas autoridades, civis e militares, trocando idéias atinentes ao carácter da sua visita. Pôde assim, de viva voz, dizer a respeito do programa de guerra que ora se desenvolve em plena execução no Brasil: a rápida fortificação da costa do nordeste contra qualquer assalto do Eixo através do Atlântico sul, a quadruplicação dos efetivos do exército e a companhia anti-submarina a cargo da Marinha e das Forças Aéreas. Assegurou ao povo dos Estados Unidos que o povo do Brasil estava ansioso por combater contra o Eixo tanto na Europa como na América e que a nação brasileira estava se preparando para qualquer eventualidade.

Em Washington, o general Dutra recebeu do General George C. Marshall, chefe do estado-maior do Exército dos Estados Unidos, a condecoração da Ordem do Mérito, que lhe foi conferida pelos relevantes serviços prestados a bem do esforço de guerra das Nações Unidas. A visita do titular da pasta da Guerra do Brasil deixou no público norte-americano uma impressão de absoluta confiança na coordenação dos recursos militares das nações do Hemisfério, consolidada sob a orientação da Junta Interamericana de Defesa, com sede em Washington. Nessa agremiação de autoridades técnicas militares, o Brasil toma parte cercada de extraordinário prestígio. Por isso, as atenções e homenagens dispensadas ao General Gaspar Dutra expressaram uma confiança extensiva a todo o exército brasileiro.



O general Dutra fala ao soldado W. G. Maguire, pouco antes de uma demonstração de tropas paraquedistas realizada no campo de manobras de Fort Benning



Condecorado com a Ordem do Mérito, o Gen. Dutra recebe a medalha, das mãos do Gen. G. Marshall



O Ministro da Guerra do Brasil, General Gaspar Dutra, e os oficiais do seu estado-maior, durante uma visita de inspeção a um dos acampamentos militares americanos. Da esquerda para a direita: General Leitão de Carvalho, General Dutra, Coronel José Bina Machado, Major Ulhoa Cintra e Tenente-Coronel Coelho dos Reis



O Ministro brasileiro examina o mecanismo da culatra de uma peça de artilharia de 155 mm. A seu lado está o Dr. Carlos Martins Pereira e Souza, Embaixador do Brasil



O General Dutra em conferência com duas altas autoridades militares dos Estados Unidos. Da esquerda para a direita: Tte-Gen. J. McNair, chefe das forças de combate americanas, General Dutra e Tte-Gen. J. T. McNarney, sub-chefe do estado-maior



Durante a sua estadia em Washington, o General Gaspar Dutra, acompanhado do Embaixador do Brasil, Dr. Carlos Martins, faz uma visita ao Secretário de Estado Cordell Hull, que enalteceu a ação do Exército brasileiro na defesa do nosso hemisfério

PENICILINA

A DROGA MILAGROSA

TOMAM vulto, nos hospitais de sangue e nos campos de batalha, os prodigiosos efeitos de um novo e poderoso agente bactericida — a penicilina. Seu nome se origina da denominação latina *penicillium notatum*, dada ao bolor, vegetação criptogâmica (que não dá flôr), formada nas matérias orgânicas quando entram em decomposição.

Foi desse campo de cultura bacteriana que surgiu a descoberta do produto, cujos méritos são de extraordinária significação nos anais das pesquisas médicas. A penicilina não está, todavia, entre os produtos postos à disposição do consumo público, mas o seu uso, nos hospitais militares das Nações Unidas, tem demonstrado ser de admirável eficácia no tratamento de um dos maiores fatores da mortalidade na guerra: as infecções resultantes de ferimentos recebidos em combate ou em acidentes de qualquer natureza. Tão poderosa é a sua ação anti-infecciosa que basta aplicar uma solução, na proporção de uma parte do produto para 24 milhões de partes de água, para impedir o desenvolvimento das bactérias. Pode ser administrado em injeções intravenosas e intramusculares, e também localmente. Até agora, a sua reduzida produção está sendo reservada para atender unicamente às necessidades militares. Nos círculos científicos se reconhece o fato de ainda estar o produto no período experimental. Os grandes benefícios derivados da sulfanilamida, recentemente aperfeiçoados, e a sua incomparável eficácia em salvar a vida a numerosas vítimas da pneumonia; seus magníficos resultados no tratamento da septicemia, da mastoidite, da meningite, das doenças venéreas e de tantas outras infecções estreptocócicas, constituem uma série de conquistas de incalculáveis proveitos para a humanidade. Mas o novo agente anti-microbiano produz efeitos tão surpreendentes que, em alguns casos, excede de muito a eficácia da sulfanilamida.

Afirma-se que é tão eficaz quanto a sulfanilamida no combate a muitas infecções causadas pelo grupo de bactérias denominadas estreptococos; mas, quanto aos estafilococos, a sua ação não tem rival. As bactérias deste grupo causam inúmeras infecções supurantes que variam desde os carbúnculos e furúnculos, até a acumulação de pus na cavidade pleural — os empiemas, e as graves feridas que causam numerosas fatalidades tanto em tempo de guerra como em tempo de paz. Conquanto a ação da sulfanilamida seja bacteriostática, isto é, restrinja a tal ponto o desenvolvimento das bactérias que a própria resistência do organismo humano pode eliminá-las, o novo agente química-terapêutico é, essencialmente, bactericida — destrói os micróbios causadores da doença. A penicilina é considerada por muitos bacteriologistas famosos como a arma mais poderosa até agora conhecida contra várias doenças infecciosas, destacando-se,

em geral, as feridas infectadas. Há quem atribua a descoberta da penicilina a um mero acaso. Mas vem a propósito lembrar que pouco se pode contar com acasos quando se trata do trabalho incessante de experimentados bacteriologistas, na sua incansável perscrutação de novos fenômenos conducentes à destruição dos micro-organismos infecciosos que eles examinam ao microscópio. O Dr. Alexander Fleming, do Hospital St. Mary, de Londres, por exemplo, estava fazendo ensaios em lâminas de cultura de milhões de *staphylococcus aureus*, as bactérias utilizadas para determinar o potencial dos germicidas. Quando examinou um espécime que havia permanecido imóvel por algum tempo, notou a presença de certa fungosidade (bolor) no centro da lâmina. Depois de examiná-la cuidadosamente, pôde classificá-la como sendo da imensa flora primitiva, cujos germes microscópicos propagados pelo ar permitem que essa forma rudimentar de vida vegetal se desenvolva quase que em qualquer substância alimentícia sujeita a uma atmosfera tépida e húmida. É o que se observa no pão, no queijo e na carne quando entram em decomposição.

Entretanto, aquilo que mais atraiu a atenção do bacteriologista foi o fato de haver, no líquido opaco da cultura de tantas bactérias, um campo livre de micróbios, na área em redor do bolor em formação.

Pode então verificar, pelo microscópio, que a fungosidade existente, ou alguma substância química dela resultante, era, só por si, um microbicida. Daí partiu seu interesse em investigar tudo que se relacionava com essa substância. Depois de longas e tediosas disseminações da fungosidade em inúmeras culturas, o Dr. Fleming conseguiu isolar a substância, dando-lhe, finalmente, a denominação de *Penicilina*. Só então resolveu comunicar o resultado da sua descoberta — um novo e poderoso agente bactericida, produzido em líquido nutritivo ordinário e facilmente filtrável em estado semipuro. A sua repercussão não se fez esperar.

A descoberta, efetuada em 1928, chamou a atenção do mundo científico, durante os formidáveis bombardeios aéreos dos alemães contra a Inglaterra, em 1940. Nessa ocasião, o Dr. H. W. Florey e vários outros bacteriologistas da Universidade de Oxford fizeram importantes comunicações de tra-

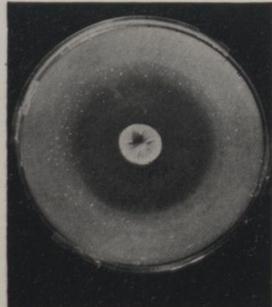
balhos que vieram alargar os conhecimentos sobre a ação bactericida da penicilina e sobre a maneira de extraí-la das fungosidades. As experiências feitas demonstraram que os ratos inoculados com os estreptococos morriam rapidamente, ao passo que aqueles que eram submetidos ao tratamento pela penicilina escapavam, numa média de quase cento por cento. O agente curativo parecia ser completamente atóxico para os animais. O Dr. Fleming revelou então a sua longa série de experiências feitas em tubos de ensaio e declarou que a penicilina tinha provado ser muito mais potente, peso por peso, do que a sulfanilamida, e até mais que o fatiazol, e que, por isso, seria de melhor resultado no tratamento das feridas infectadas. Terminou, entretanto, a sua exposição com a desalentadora advertência de que a nova droga ainda não tinha sido empregada em seres humanos, e que a mesma não devia ser administrada enquanto não se conhecesse exatamente a sua composição química, e fosse possível produzi-la. O método então adotado na preparação da penicilina, extraída das fungosidades, era lento, difícil e custoso, e a sua produção para o consumo público oferecia poucas esperanças.

Mas o interesse despertado nos círculos médicos já tinha se propagado consideravelmente. Os próprios bacteriologistas da Oxford estavam aperfeiçoando os meios para o desenvolvimento das fungosidades e, depois de intensas pesquisas, iniciaram, em meados de 1941, as primeiras provas clínicas hospitalares. A penicilina foi então empregada somente nos casos de extrema gravidade, em que haviam falhado todos os demais agentes curativos. Os resultados obtidos foram de uma comprovação positiva surpreendente. Mesmo depois de ficar demonstrado ser a penicilina a mais poderosa arma contra certas bactérias, continuava sendo encarada mais como uma interessante curiosidade de laboratório.

Foi então que o Dr. Florey veio aos Estados Unidos e submeteu o assunto à consideração da Comissão de Pesquisas Médicas da Repartição de Pesquisas Científicas e do Fomento do Departamento da Agricultura. Novas experiências foram feitas conduzidas ao aperfeiçoamento dos métodos de fabricação do produto. Os especialistas do Departamento da Agricultura conseguiram meios férteis em profusão para cultivar as fungosidades em menos tempo e descobriram outras espécies que deram muito maior rendimento na produção da valiosíssima droga. Tornou-se assim possível a sua produção em escala comercial, com a participação de várias firmas fabricantes de produtos químicos e farmacêuticos, em cujos laboratórios foi iniciada imediatamente a cultura intensiva de fungosidades para a produção da penicilina. Não obstante o sucesso dos resultados, o produto está sendo usado exclusivamente para fins militares, onde a urgência é maior.



Um bacteriologista examinando o bolor que produz a poderosa microbicida "penicilina". O bolor que se forma no pão e no queijo é, até agora, o melhor campo de cultura



A bactéria morta, em redor do bolor num prato como se vê na gravura, foi que conduziu à descoberta da "penicilina"

